

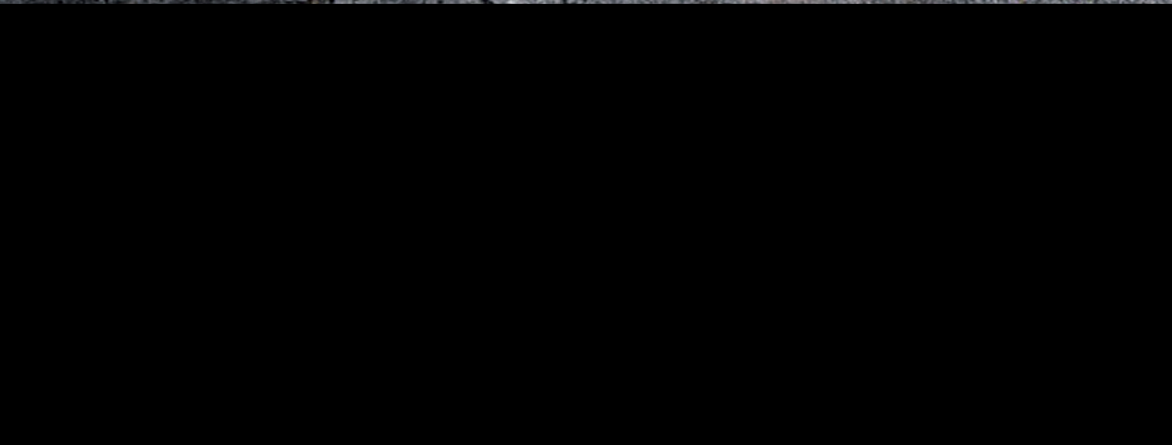


SENADO FEDERAL

SENADOR  
FERNANDO COLLOR

**DISCURSO** RUÍNAS DE UM  
**GOVERNO**  
ADMISSIBILIDADE DO PROCESSO  
DE *IMPEACHMENT* – 2016

BRASÍLIA – DF





SENADO FEDERAL

Senador **Fernando Collor**

# **RUÍNAS DE UM GOVERNO**

**Discurso sobre a admissibilidade do  
processo de *impeachment* – 2016**

Brasília – 2016

Collor, Fernando, 1949-

Ruínas de um governo : discurso sobre a admissibilidade do processo de *impeachment* / Fernando Collor. – Brasília : Senado Federal, Gabinete do Senador Fernando Collor, 2016.

91 p.

1. Política e governo, discursos, etc., Brasil. 2. Presidente da República, *impeachment*, Brasil. 3. Collor, Fernando, 1949-. 4. Rouseff, Dilma, 1947-. I. Título.

CDD 320.981

## SUMÁRIO

	<i>Pág.</i>
1. Apresentação .....	5
2. Pronunciamento feito no dia 11/5/16, no Plenário do Senado Federal .....	7
3. Artigo: <i>Simulacro de governo</i> , publicado na <i>Folha de S.Paulo</i> , em 5/5/16 .....	15
4. Comparativos entre os processos de <i>impeachment</i> de 1992 e de 2016 .....	19
5. Algumas mensagens recebidas após o discurso do dia 11/5/16.....	23
6. Ensaios publicados sobre o discurso do dia 11/6/16.....	55
– <i>Ruínas de um País: o discurso de Collor e as voltas que o mundo dá</i> (de Marcela Zaidan).....	55
– <i>O Ruído do Tempo</i> (de Martim Vasques da Cunha).....	58



## **RUÍNAS DE UM GOVERNO**

### **Discurso sobre a admissibilidade do processo de *impeachment* – 2016**

#### APRESENTAÇÃO

No dia 11 de maio de 2016, o Senado Federal reuniu-se para discutir e votar a admissibilidade e abertura do processo de *impeachment* da presidente da República. A deliberação teve como base o parecer da Comissão Especial instituída para apreciação da Denúncia nº 1, de 2016, autorizada pela Câmara dos Deputados em 17/4/16.

Durante cerca de vinte horas, mais de setenta senadores fizeram uso da palavra para discutir o assunto. Às 22h58min subi à tribuna para me manifestar durante quinze minutos. Fui o 38º orador inscrito para falar naquela histórica sessão.

Na condição de único ex-presidente da República, exercendo mandato parlamentar e que passou por processo análogo em 1992, havia uma compreensível expectativa em torno da minha fala e do posicionamento que tomaria ao votar naquela noite. Daí a decisão de divulgar o discurso ao público na forma impressa, acrescido de outros textos e elementos que envolvem o tema.

Além da íntegra do pronunciamento do dia 11 de maio, esta publicação traz algumas manifestações peculiares que recebi após minha

fala e dois interessantes ensaios postados em *sites* sobre o discurso. Comporta ainda artigo de minha autoria (*Simulacro de governo*), publicado uma semana antes da votação no Senado, bem como um conjunto de novas informações de cotejamento entre os ritos dos dois momentos de *impeachment* vividos pelo País, em 1992 e 2016. Mais do que divulgá-los, fica o registro de quem os viveu em diferentes planos institucionais.

Senador FERNANDO COLLOR

Brasília, junho de 2016.



## PRONUNCIAMENTO

(Do Senhor FERNANDO COLLOR)

*Denúncia nº 1, de 2016 – Impeachment da Presidente da República – Parecer de Admissibilidade da Comissão Especial/SF.*

Senhor Presidente, Sras. e Srs. Senadores,

Ruínas de um Governo!...

Esse é o título de uma obra clássica de Rui Barbosa, de 1931. Nela, o autor afirma:

*Todas as crises, (...), que pelo Brasil estão passando, e que dia a dia sentimos crescer aceleradamente, a crise política, a crise econômica, a crise financeira, não vêm a ser mais do que sintomas, exteriorizações parciais, manifestações reveladoras de um estado mais profundo, uma suprema crise: a crise moral.*

Em 1992, esse trecho foi utilizado por Barbosa Lima Sobrinho, como introito à denúncia que apresentou contra mim.

Ruínas de um Governo!... É a expressão de Rui Barbosa para invocar as crises que atingiriam o Brasil nos anos 30.

Sr. Presidente, jamais o Brasil passou, como hoje, por uma confluência tão clara, tão entrelaçada e aguda de crises na política, na economia, na moralidade e na institucionalidade. Chegamos ao ápice de

todas as crises. Chegamos às ruínas de um governo, às ruínas de um país.

Esse é o motivo pelo qual, aqui e agora, discutimos possíveis crimes de responsabilidade da presidente da República. Não discutimos crimes comuns – isso é pacífico! A esses, a Constituição reserva o juízo ao Supremo Tribunal Federal. Ao Senado da República cabem a pronúncia e o julgamento quanto aos crimes de responsabilidade. Esta é uma diferenciação importante. Aqui, hoje, julga-se responsabilidade.

Em 1992, em processo análogo, bastaram menos de 4 meses, entre a apresentação da denúncia até a decisão de renunciar no dia do último julgamento. No atual processo, já se foram mais de 8 meses. A depender do resultado de hoje, mais 6 meses são previstos até o julgamento final. O rito é o mesmo, mas o ritmo e o rigor, não! Basta lembrar. Entre a chegada no Senado da autorização da Câmara até meu afastamento provisório, transcorreram 48 horas. Hoje, estamos há 23 dias somente na fase inicial nesta Casa. O parecer da Comissão Especial que hoje discutimos possui 128 páginas. O mesmo parecer de 1992, elaborado a toque de caixa, continha meia página com apenas dois parágrafos – isso mesmo, dois parágrafos!

O tempo é outro, Sr. Presidente.

Em 1992, fui instado a renunciar na suposição de que as acusações contra mim fossem verdadeiras. Mesmo sem a garantia da ampla defesa pelo Congresso, em todas as fases, me utilizei de advogados particulares. Dois anos depois, fui absolvido de todas as acusações no Supremo Tribunal Federal. Portanto, dito pela mais alta Corte de Justiça do País, não houve crime. Mesmo assim, perdi meu mandato e não

recebi qualquer tipo de reparação. Pelo contrário: depois da renúncia, recorri ao próprio Supremo para ao menos reaver os direitos políticos que me cassaram. Mesmo se tratando de matéria eminentemente constitucional – direitos políticos –, alheia ao mérito do *impeachment*, o Supremo negou o Mandado de Segurança sob a alegação de que não cabia à Corte se pronunciar sobre decisão do Senado, ainda que tomada após minha renúncia.

À época dessa apreciação, o ministro Paulo Brossard chegou a ser interpelado pelo ministro Moreira Alves, que chamou a atenção para a incoerência do voto de Brossard, já que, em seu livro sobre *impeachment*, o ministro defendia a impossibilidade do julgamento após a renúncia e, em seu voto, se manifestava de forma inversa. Ao se defender, Brossard se limitou a dizer: “Ministro Moreira Alves, livro é livro; voto é voto”. E para se justificar, assinalou:

*“Absolutória ou condenatória, justa ou injusta, sábia ou errônea, da decisão do Senado não cabe recurso, direto ou indireto. Mas isto não é novidade. Todo órgão, seja de que natureza for, que decide em única ou última instância, decide inapelavelmente, acerte ou erre.”* – encerra Brossard.

Desculpem-me por voltar no tempo. Mas o momento o exige. Ainda na denúncia de 92, Lima Sobrinho pregava, e até profetizava. Escreveu ele:

*Nos regimes democráticos, o grande juiz dos governantes é o próprio povo (...).*

*Representar o povo significa, nos processos de impeachment, interpretar e exprimir o sentido ético dominante, diante dos atos de abuso ou traição da confiança nacional.*

*A suprema prevaricação que podem cometer os representantes do povo, em processos de crime de responsabilidade, consiste em atuar sob pressão de influências espúrias ou para a satisfação de interesses pessoais ou partidários.*

*Em suma, o Presidente (...) há de ser julgado (...) com base nos largos e sólidos princípios da moralidade política. – encerra Lima Sobrinho.*

Pois bem, Sr. Presidente, “todas as tragédias que se podem imaginar reduzem-se a uma mesma e única tragédia: o transcorrer do tempo”, dizia Simone Weil. É o mesmo tempo imperioso do mundo que nos traz à razão.

É nesta quadra, de adversidades para uns e tragédias para outros, que constatamos que o maior crime de responsabilidade está na irresponsabilidade pelo desleixo com a política; na irresponsabilidade pela deterioração econômica de um país; na irresponsabilidade pelos sucessivos e acachapantes déficits fiscais e orçamentários; na irresponsabilidade pelo aparelhamento desenfreado do Estado que o torna inchado, arrogante e ineficaz; na irresponsabilidade pela ação ou omissão perante obstruções da Justiça. É crime de responsabilidade, Sr. Presidente, a mera irresponsabilidade com o País, seja por incompetência, negligência ou má-fé.

Mas não foi por falta de aviso. Desde o início deste governo, fui ao longo dos anos a diversos interlocutores da presidente para mostrar os problemas que eu antevia, e que desembocaram nesta crise sem precedentes. Falei – na minha convicção – dos erros na economia, na excessiva intervenção estatal, nas imprudentes renúncias fiscais. Falei da falta de diálogo com o Parlamento. Nos raros encontros com a

presidente, externei minhas preocupações, especialmente após a sua reeleição, quando sugeri a ela uma reconciliação de seu novo governo com seus eleitores e com a classe política. Sugeri que fosse à televisão pedir desculpas por tudo o que se falou na campanha eleitoral, desmentido depois por seus próprios atos, nos primeiros meses do atual mandato. Alerttei-a sobre a possibilidade de sofrer *impeachment*. Mas não me escutaram. Coloquei-me à disposição. Ouvidos de mercador. Desconsideraram minhas ponderações. Relegaram minha experiência. A autossuficiência pairava sobre a razão.

Contudo, Sr. Presidente, reafirmo que, em amplo contexto, o todo dessa obra em ruína da atual administração tem também um pano de fundo ainda invisível para muitos: o sistema presidencialista adotado por nossa República.

Lá se vão 127 anos de crises e insurreições, de revoltas e conflagrações, de golpes e revoluções. Suplantada a aristocracia imperial, faltou superarmos a oligarquia republicana. Convivemos com estado de sítio, com estado de exceção. Enfrentamos ditaduras, civil e militar. E, ainda hoje, estamos em processo de redemocratização.

Sob o presidencialismo usufruímos tão somente de espasmos de democracia. Não há mais como sustentar um sistema anacrônico, contaminado e deteriorado em sua essência, em sua prática e nos exemplos traumáticos de nossa República. Basta dizer que de 1926, com Artur Bernardes, até 2011, com Lula, nenhum presidente da República transmitiu o cargo a seu sucessor sob as mesmas regras que recebeu do antecessor, tendo eles cumprido integralmente seus respectivos mandatos. Pelo visto, aquelas exceções serão mais uma vez quebradas, recomeçando novo ciclo de instabilidades. Não podemos mais recheiar

nossa História com deposições, suicídio, renúncias e impedimentos. Não existe fórmula mágica dentro do nosso presidencialismo, ainda mais com uma lei nos moldes da 1.079, a “ressurrecta”, que dá margem a permanentes ameaças a qualquer governo. Não há como recuperar esse modelo de coalizão, de cooptação e fisiologismo, que envergonha a classe política. Enfim, não há como continuar tentando formar um número salvador, simplesmente somando zeros. Os partidos, mais do que votar, precisam formular políticas.

Por tudo isso, o sistema está em ruínas! E ruínas, Sr. Presidente, demandam reconstrução. Reconstrução requer determinação que, por sua vez, exige conscientização e admissão da verdade.

Há 11 anos vimos o choro de parlamentares decepcionados com as agruras e a verdade crua de um partido. Hoje, envoltos em tormentos muito piores, não vemos sequer uma lágrima, de constrangimento que seja. Ao contrário: o que se vê é a defesa rouca, cega, mouca e intransigente. Entre retóricas e evidências; entre quimeras e realidades, entre o golpe e a farsa do golpe, apesar de tudo e, por tudo isso, a população brasileira evoluiu na participação política. Mas admitamos, Sras. e Srs. Senadores, regredimos no agir da política.

Reafirmo: uma Nova Política precisa se estabelecer. Seja qual for o resultado de hoje, precisamos virar esta página, repensar e instituir a política pela qual a sociedade clama. O atual processo de *impeachment* nada mais é do que a tentativa de, a partir do passado, aplainar o presente para decantar o futuro. Um futuro em que precisaremos conciliar uma altiva e corajosa voz de comando do Executivo, com a moderadora e conciliadora voz do Legislativo.

Para concluir, reproduzo trecho do livro *Collor Presidente*, do historiador Marco Antônio Villa, que está prestes a lançá-lo. Novamente, peço a compreensão por retornar a 92. Mas a lucidez do texto reflete o que aqui vivemos. Diz o autor:

*(Abro aspas) Fatos posteriores, já no século 21, amplificaram o significado da ação (ou inanição) de Fernando Collor no auge da CPI e da denúncia na Câmara dos Deputados por crime de responsabilidade. Ele respeitou as solicitações dos parlamentares, encaminhou, através do Banco Central e da Receita Federal, toda a documentação solicitada, cumpriu as determinações legais, não coagiu o Supremo Tribunal Federal e respeitou a Constituição. Isso tudo em meio ao maior bombardeio midiático da nossa história e tendo de conviver com uma acelerada tramitação da denúncia – e depois do processo – que criou obstáculos à plena defesa. Aceitou o afastamento e se preparou para a defesa no Senado. Perdeu. Buscou reparações na Justiça, defendeu-se em vários processos e acabou absolvido em todos eles – os que envolviam atos quando do exercício da Presidência da República.*

*A renúncia de Fernando Collor – o impeachment nunca ocorreu – deu a ilusão de que as instituições forjadas pela Constituição de 1988 tinham passado no teste. Ledo engano. Acontecimentos posteriores – e mais graves – demonstraram que a consolidação do estado democrático de direito é um longo processo, tarefa de várias gerações. A crise de 1992 não passou de um momento de ampla e complexa rearticulação das elites política e econômica no interior do Estado, posicionando-se para embates que acabaram sendo travados, ainda na última década do século 20 e no início do século seguinte, por aqueles que tinham quadros – mais do que programas – para gerir a coisa pública. (Fecho aspas)*

Encerro, Sr. Presidente, dizendo: a História me reservou este momento! Devo vivê-lo no estrito cumprimento de um dever. Porém, inspiro-me no ensinamento de Holbach:

*Tudo nos prova que a cada dia nossos costumes se abrandam, os espíritos se esclarecem e a razão conquista terreno.*

Muito obrigado!

Sala das Sessões, 11 de maio de 2016.



## **ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL FOLHA DE S.PAULO**

5 de maio de 2016

### **SIMULACRO DE GOVERNO**

Em recente discurso no Senado, enfatizei a urgência de construirmos uma Nova Política. O atual esgarçamento institucional dos Poderes e seus agentes é produto do presidencialismo degenerado em governo de coalizão, pautado em fisiologismo e cooptação. Tudo o que a população rejeita e não mais admite na ação pública.

Ao analisar a inédita conjunção das crises por que passamos, revelei meu desconforto com a votação do *impeachment* que se aproxima.

Minha situação é ímpar. Sou o único ex-presidente da República que enfrentou igual processo até o fim e o único em exercício de mandato eletivo, portanto sujeito a votar o *impeachment*.

Terei ainda de optar pelo destino de um governo cujo partido e seus atores protagonizaram a ruptura de meu mandato presidencial. Daí meu pesar pela contingência e apreensão com os rumos do Brasil.

O quadro é de turbulência. Agrava-se quando autoridades e mídia subvertem a lógica e gastam tempo e energia a debater questiúnculas legais, priorizando a forma em detrimento do conteúdo. Nesse palco, o ritual vale mais do que a decisão. A explicação está no cipoal de nossa legislação e jurisprudência, que dá margem a todo tipo de postulado ao sabor das conveniências.

Vemos hoje uma infundável discussão e várias interpretações: o crime de responsabilidade está ou não caracterizado? O procedimento é este ou aquele?

Sob a mesma Constituição, a mesma Lei e o mesmo Regimento, em 1992 fui afastado provisoriamente após 48 horas da chegada do processo ao Senado. A Comissão Especial foi eleita, instalada e aprovou o parecer de admissibilidade em poucas horas. Em 2016, terão sido necessários, pelo menos, 20 dias.

Em 1992, da apresentação da denúncia na Câmara até o último julgamento no Senado decorreram menos de quatro meses. Hoje, desde a apresentação da atual denúncia, já se foram oito meses, e mais seis poderão ser gastos. O rito é o mesmo; o ritmo e o rigor, não!

A previsão legal de crime de responsabilidade é tão genérica e abrangente que, numa leitura de lupa, nenhum chefe de Executivo – municipal, estadual, federal – a rigor, estaria livre de julgamento.

A denúncia que resultou no meu *impeachment* pelo Congresso se baseou em dois dispositivos da lei: *permitir, de forma expressa ou tácita, a infração de lei federal de ordem pública e, em função disso, proceder de modo incompatível com a dignidade, a honra e o decoro do cargo.*

O julgamento dos alegados crimes comuns a mim imputados, na seara penal, ficaram sob a égide do Supremo Tribunal Federal, que me absolveu de todas as acusações. A denúncia contra o atual governo é certa: atentado à lei orçamentária e à probidade administrativa.

Temo que, com base no processo em curso, o instrumento do *impeachment* se torne remédio revulsivo e corriqueiro para governo incompetente, sem programa ou base parlamentar. Em tese, não se

deve afastar um presidente com mandato fixo pelo conjunto de sua inepta obra.

No presidencialismo, a irresponsabilidade tem prazo certo. Melhor seria a responsabilidade com prazo incerto, como no parlamentarismo. Desse, copiamos a medida provisória e o governo de coalizão sujeito à maioria parlamentar. Nossos chefes da Casa Civil agem como primeiros-ministros, e os parlamentares compõem o ministério como num gabinete de governo.

Na prática, já vivemos sob um simulacro de semipresidencialismo, porém sem os princípios e ferramentas que o modelo parlamentar exige no sistema político. Caso o *impeachment* se torne voto de desconfiança, melhor adotar de vez o parlamentarismo. Só assim a reforma política se imporá.

*Fernando Collor, 65, senador (PTC) por Alagoas, foi presidente da República (1990-1992)*



## PROCESSO DE IMPEACHMENT

### Comparativos

### 1992 X 2016

#### 1. Bases da acusação para o Crime de Responsabilidade:

1992: Constituição Federal

Art. 85. São crimes de responsabilidade os atos do Presidente da República que atentem contra a Constituição Federal e, especialmente, contra:

IV – a segurança interna do País;

V – a probidade na administração;

Lei nº 1.079/50

Art. 8º São crimes contra a segurança interna do país:

7. permitir, de forma expressa ou tácita, a infração de lei federal de ordem pública;

Art. 9º São crimes de responsabilidade contra a probidade na administração:

7. proceder de modo incompatível com a dignidade, a honra e o decoro do cargo.

2016: Constituição Federal

Art. 85. São crimes de responsabilidade os atos do Presidente da República que atentem contra a Constituição Federal e, especialmente, contra:

VI – a lei orçamentária;

Art. 167. São vedados:

V – a abertura de crédito suplementar ou especial sem prévia autorização legislativa e sem indicação dos recursos correspondentes;

Lei nº 1.079/50

Art. 10. São crimes de responsabilidade contra a lei orçamentária:

4. Infringir, patentemente, e de qualquer modo, dispositivo da lei orçamentária;

Art. 11. São crimes contra a guarda e legal emprego dos dinheiros públicos:

2. abrir crédito sem fundamento em lei ou sem as formalidades legais;

3. contrair empréstimo, emitir moeda corrente ou apólices, ou efetuar operação de crédito sem autorização legal;

**2. Tempo entre a apresentação da denúncia e o acolhimento pelo Presidente da Câmara:**

1992: no mesmo dia (1º/9/92)

2016: 92 dias (de 1º/9/15, com adendo em 21/10, a 2/12/15)

**3. Tempo entre o acolhimento da denúncia pelo Presidente da Câmara e a instalação da Comissão Especial:**

1992: 2 dias (de 1º/9/92 a 3/9/92)

2016: 106 dias (de 2/12/15 a 17/3/16)

4. **Tempo entre a apresentação da denúncia e a votação, no Plenário da Câmara, da autorização de abertura do processo:**
  - 1992: 28 dias (de 1º/9/92 a 29/9/92)
  - 2016: 229 dias (de 1º/9/15 a 17/4/16)
5. **Tempo entre a chegada do processo no Senado e o afastamento do(a) Presidente:**
  - 1992: 2 dias (de 30/9/92 a 2/10/92)
  - 2016: 24 dias (de 18/4/16 a 12/5/16)
6. **Tempo entre o afastamento da Presidência da República e o julgamento final no Senado:**
  - 1992: 88 dias (de 2/10/92 a 29/12/92)
  - 2016: até 180 dias (de 12/5/16 a ??)
7. **Tempo total do processo desde a apresentação da denúncia ao julgamento final:**
  - 1992: 119 dias (de 1º/9/92 a 29/12/92) = 4 meses
  - 2016: 254 dias + 180 dias (de 1º/9/15 a 12/5/16 + até 180 dias) = máximo de 434 dias, ou 14 meses
8. **Tempo gasto pela Comissão Especial do Senado para discutir e votar a admissibilidade do processo:**
  - 1992: 1 reunião com aproximadamente 1h 15min (entre 15h 45min e 17h)
  - 2016: 9 reuniões com o total de mais de 70 horas
9. **Participação da defesa na Comissão Especial do Senado na fase de admissibilidade do processo:**
  - 1992: nenhuma
  - 2016: 7 vezes (2 vezes o AGU, 2 ministros de Estado e 3 juristas)

**10. Tamanho do parecer de admissibilidade do processo da Comissão Especial do Senado:**

1992: meia página (2 parágrafos e 17 linhas)

2016: 128 páginas (aproximadamente 3.300 linhas)

**11. Tempo da Sessão no Plenário do Senado para discussão e aprovação do parecer da Comissão Especial:**

1992: cerca de 3 minutos, em votação simbólica, sem discussão, sem oradores e sem defesa, incluindo a aprovação prévia do requerimento de urgência e a leitura do parecer da Comissão Especial (ver DCN de 8/10/92, Seção II, pág. 761)

2016: mais de 20 horas (em votação nominal, com mais de 70 oradores inscritos e participação da defesa feita pelo AGU)



## **ALGUMAS MENSAGENS RECEBIDAS APÓS O DISCURSO**

*(Ao todo, foram recebidas cerca de 500 mensagens por e-mail)*

Caro Presidente Collor,

Permito-me cumprimentá-lo pelo belíssimo discurso proferido no encaminhamento do processo em desfavor da presidente Dilma.

De grande conteúdo e valor histórico, proferido com nobreza, serenidade, precisão e elegância, é fundamental alerta aos parlamentares e à sociedade da profundidade da utilização desse instituto drástico, previsto na nossa Constituição, cuja revisão e atualização já se tornam necessárias.

Ao ouvir sua locução, absolutamente tranquila e com a reposição dos fatos com a maior veracidade, rememorei a postura digna com que enfrentou o seu impedimento, apesar do peso da injustiça de uma punição política.

Receba o meu abraço fraternal com os protestos de admiração.

Henrique Hargreaves

*ex-Ministro-Chefe da Casa Civil (governo Itamar Franco)*

Enviada em: seg 16/5/2016 14:13

---

Caro Senador

Seu desempenho inteligente e firme, repondo os fatos nos nichos da história verdadeira, foi um momento importante passado a limpo, com corretivos. Detalhes importantes e esclarecedores derrubando versões mal contadas. Parabéns!

Cordialmente,

Carlos Alberto Chiarelli

*ex-Ministro da Educação (governo Fernando Collor)*

Enviada em: sex 13/5/2016 15:19

---

Caro Presidente,

Venho parabenizá-lo pela fala de estadista de ontem de noite, que deu dignidade à triste mas inevitável noite que o Brasil viveu.

Com o respeito de sempre,

Embaixador Julio Cezar Zelner Gonçalves

Enviada em: quin 12/5/2016 12:52

---

Senador Fernando Collor,

Votei em Vossa Excelência para Presidente da República - meu 1º voto para Presidente.

Sempre achei que Vossa Excelência reunia todas as condições para exercer a Presidência da República, pois era novo, tinha ideias novas, é estudado, fala com propriedade, tem postura de estadista, atributos esses que só evidenciei também, desde então, em Fernando Henrique Cardoso, à exceção da jovialidade.

Mas confesso também, com certa vergonha, que à época, confisco da poupança, PC Farias e outras questões, influenciado ainda pela mídia e minha pouca maturidade, fui um dos “caras-pintadas”...

Não muito tempo depois, quando de sua absolvição no STF, me arrependi de ter sido um “cara-pintada”, me senti conduzido pela mídia.

Mas tudo isso é passado, e é com os erros que esperamos aprender.

Novamente temos um processo de afastamento da Presidência da República, novamente a mídia está atuando, e novamente sou a favor do afastamento, por motivos bem mais claros, e espero não estar do lado errado da História.

Hoje lhe escrevo para dizer que acompanhei pela TV Senado o processo de admissibilidade, das 9:00 até as 2:00 da manhã e os votos de cada Senador.

(...)

Todavia, no que toca ao voto de Vossa Excelência, entre tantos que gostei, tenho o vosso voto como o melhor proferido.

Vosso voto me fez refletir sobre o passado e me deixou emocionado, bem como feliz em observar que mesmo com o passar dos anos Vossa Excelência não perdeu a postura de estadista, e que as razões que me fizeram lhe conceder meu 1º voto para presidente ainda estão presentes!

Meus Parabéns!

Gerson de Oliveira Bonatti

Santa Catarina

Enviada em: quin 12/5/2016 09:38

---

Senhor Senador Fernando Collor,

Bom-dia!

Não sei como começar este *e-mail* em face de minha admiração pelo senhor. Sou de Bezerros, Estado de Pernambuco, venho lhe acompanhando desde presidente, quando injustamente foi deposto e, enganado pela mídia, fui à rua pedindo que o senhor fosse deposto. Me arrependo.

Estudei Economia (não consegui concluir), e vi o quão importante o senhor foi para o nosso país e para a ecologia mundial, abertura de nossa

economia e, muito mais, a abertura de nossa consciência como povo não submetido às grandes empresas.

Quando o senhor foi convidado pelos alunos do Curso de Direito de Caruaru, me vi perto de realizar uma grande vontade de lhe pedir desculpas pessoalmente. Contudo, me foi negado quando o proprietário da Faculdade disse que não poderia receber o senhor, pois era um presidente deposto (mais um crime contra o senhor). Como não pude me desculpar pessoalmente para com o senhor, venho através deste *e-mail* assim o fazer.

DESCULPE-ME!

E como o senhor disse, a História lhe proporcionou este dia para que o senhor fosse ouvido e a todos a oportunidade de saberem o quanto foi INJUSTIÇADO.

Parabéns, Senador!

José Guido de Melo Júnior.

Pernambuco

Enviada em: seg 16/5/2016 10:50

---

Boa-noite!

Parabéns, Senador Collor! Assisti ao seu discurso e, confesso, fiquei surpreso, pois esperava rancor, ódio e vi numa pessoa que foi injustiçada a serenidade celestial nas colocações das palavras. No meu entender, o discurso mais autêntico e sábio de todos.

Mostra o seu tamanho e grandeza. Eu fui um cara-pintada, me arrependo, pois depois vi que o senhor não teve direito de resposta e não existiu motivo para tal ato. Fico feliz demais em saber da sua superação.

Parabéns!

Atenciosamente:

Téo Moraes.

Ceará

Enviada em: sex 13/5/2016 18:03

Prezado Senador Fernando Collor,

Assisti ao seu pronunciamento e fica aqui registrado o meu profundo sentimento. Foi o mais belo discurso de todos os senadores até o presente momento. A sua cassação foi algo incrível, isso sim, foi golpe. Se tenho alguma culpa lhe peço desculpas em nome do povo gaúcho. Os remédios amargos, que sua equipe deu ao povo brasileiro, se o novo governo não os der, com certeza será um fracasso.

Cordiais saudações,

Clovis Santos Xerxenevsky

Rio Grande do Sul

Enviada em: quin 12/5/2016 00:01

---

Boa-tarde, Senhor Presidente da República

Fernando Collor de Mello.

Presidente, o verdadeiro golpe desta Nação foi dado em 1992, com o crime cruel de seu afastamento.

Um afastamento cruel e desumano. Venho a tempo, se possível ainda, lhe pedir perdão, Senhor Presidente, pelo fato de que, naquela ocasião, humildemente nada pude fazer.

Em 1992 tinha 28 anos, hoje tenho 52 anos, estou desempregado e moro no bairro do Tatuapé, São Paulo, capital. Sempre acompanhei sua carreira política. E como presidente o Senhor sempre em minha vida foi uma referência de como se dá a volta por cima.

Depois de ver naquela madrugada, na qual esperei o Senhor Presidente para ir dormir, ouvi atentamente seu pronunciamento no Senado naqueles quinze e brilhantes minutos. Precisamos de vossa experiência.

Volto a falar, hoje sou um homem só na vida, desempregado e sem importância para a sociedade.

Mas gostaria de lhe fazer um pedido: tente a reeleição em 2018. O meu voto o presidente já tem. E se um dia puder ter a grande honra de trabalhar para o Senhor Presidente, não pediria mais nada a Deus.

Um grande abraço

(...)

Marcelo Vicente Vitale

Enviada em: dom 15/5/2016 17:23

---

Estimado Senador,

Sirvo-me do presente para, em primeiro lugar, parabenizá-lo pelo brilhante discurso exposto na tribuna do Senado Federal no dia 11 de maio deste ano.

Pautado na coerência, honestidade e clareza que visavam apresentar a veracidade de fatos ocultos pela mídia e pela própria Justiça em 1992.

De todo o meu coração, quero agradecer-lhe pela sinceridade, objetividade e exposição de uma verdade desconhecida pela minha geração que, simplesmente, limitou-se a julgá-lo culpado baseado exclusivamente no que a mídia veiculou naquela ocasião.

Sendo assim, gostaria de me desculpar como cidadão e eleitor e desejar-lhe muita saúde, paz e sucesso em sua vida política e particular.

Respeitosamente,

Roberto da Silva Jr.

Enviada em: dom 15/5/2016 01:25

---

Olá, Excelentíssimo Senador Fernando Collor de Melo.

Como talvez nunca vou ter a oportunidade de te conhecer pessoalmente (bem que eu queria), venho hoje me retratar contigo.

Quando sofreste o *impeachment* eu tinha apenas 14 anos de idade,

não tinha TV na minha casa e eu nem sabia o que estava acontecendo. Só ouvia o povo te chamar de “ladrão” e cresci com isso na minha cabeça e que foi um dos piores presidentes que o Brasil já teve. Estudei Administração e não tive o cuidado de fazer uma pesquisa.

Mas concluindo, quero te parabenizar e pedir perdão por este pensamento que perdurou por 24 anos. Mas, ontem, após tua fala tive a oportunidade de conhecer-te e de pesquisar-te. Foi a mais importante fala dos senadores presentes. Mudei todo um conceito que tinha a teu respeito a passei a admirar-te. Queria muito te encontrar um dia e te dar um abraço. Hoje sou um pastor e tudo o que ouvi nesses 24 anos a teu respeito, no que depender de mim, mudarei toda minha oratória em tua defesa. Parabéns pela fala, pela postura, e por ser uma pessoa de uma atitude formidável. Depois de ontem ganhaste um admirador. Talvez possa não ter tanta importância para ti esta minha fala, mas continuará tendo para mim, pois tenho a oportunidade de 24 anos depois consertar inverdades ditas a teu respeito.

Sou de uma cidade simples de SP, a cidade de Mauá.

Um forte abraço!

Rogério Oliveira

São Paulo

Enviada em: quin 12/5/2016 21:54

---

Fernando:

Excelente depoimento !!

Foi um interessante registro histórico

Parabéns desde o Chile !!!

Hugo Spencer

Professor PUC – Chile

Enviada em: quar 11/5/2016 23:20

---

Senhor Senador,

Muitos parabéns pelo excelente discurso no Senado! Acabei de ver e ouvi-lo no YouTube.

Cumprimentos

João Santos

Portugal

Enviada em: seg 16/5/2016 15:54

---

Dear Fernando,

After carefully watchin your speech on 5-11-2016 I have been reminded that only someone like you could have saved Brazil from the perpetuating corruption and negligence. I was a college student at the time in Belo Horizonte and voted for you. My whole family did. Both of my parents, brothers and sisters voted for you. We could not bear to see that “anaufabeto” e ladrão do Lula wins. When you were separated from the presidency in 1992 I left Brazil and came to the United States because I thought with myself: if we as Brazilians had the best man for the office and totally refuted his integrity and capacity, what am I doing here? So, I moved to the United States and enlisted in the U.S Army



forces where I served with honor and satisfaction. What is going on with Brazil in your opinion?

Now, after so many years we know what the PT was all about. I think the world of you and watched all your speeches from here. I even spoke to you when working at Bank of America when you called in inquiring about a business transaction as you had an account with them and I used to work as a loan officer. I want you to know that I was born in Recife, PE, and live here since 1992 when they cowardly separated you from the presidency. It was the best thing that ever could happen to me. I served the country, embraced their flag as my own and became a PhD in psychology today. You are the solution for Brazil but the people do not deserve you. May God Bless you and keep you safe. Please respond back and let me know you got this message. My family loves you.

Sincerely,

Joe Bezerra

Enviada em: seg 30/5/2016 22:24

#### TRADUÇÃO LIVRE

Caro Fernando,

Após assistir a seu discurso do dia 11 de maio eu me recordei que somente alguém como você poderia ter salvado o Brasil da corrupção perpétua e da negligência. Eu era um estudante universitário em Belo Horizonte e votei em você na época. Minha família inteira. Meus pais, irmãos e irmãs votaram. Nós não suportaríamos ver aquele “analfabeto e ladrão do Lula” (*sic*) vencer. Quando você foi afastado da presidência em 1992, eu deixei o Brasil e vim para os Estados Unidos porque pensei comigo: se nós brasileiros tínhamos o melhor homem para o cargo e refutamos por completo sua integridade e capacidade, o que eu estou fazendo aqui? Então, me mudei para os Estados Unidos e me alistei nas Forças Armadas americanas, onde servi com honra e satisfação. Em sua opinião, o que está acontecendo com o Brasil?

Agora, depois de tantos anos nós sabemos qual é a do PT. Eu o admiro e assisti a todos os seus discursos daqui. Chegamos até a conversar quando eu trabalhava no *Bank of America* e você ligou perguntando sobre uma transação comercial (já que tinha uma conta com eles e eu trabalhava no departamento de crédito). Eu gostaria que você soubesse que eu nasci em Recife e vivo aqui nos Estados Unidos desde 1992, quando eles covardemente lhe afastaram da presidência. Isso foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido (*mudar para os EUA*). Eu servi o país, abracei a bandeira deles como minha e me tornei um PhD em Psicologia. Você é a solução para o Brasil, mas as pessoas não o merecem. Que Deus o guarde e o abençoe! Por favor responda-me e me deixe saber que recebeu esta mensagem. Minha família o ama.

Atenciosamente,

Joe Bezerra

EUA

---

Estimado Senador Collor de Mello,

Fico lhe muito grata pela resposta.

Vi este vídeo que me enviaste e escutei tua manifestação durante a votação do *impeachment* pelo Senado. Fiquei muito grata com tua manifestação. Falou com base em conhecimento, com base em experiência e é isso o que mais conta.

Livramo-nos (pelo menos por enquanto, e espero que não voltem mais ao poder) de uma quadrilha que estava destruindo nosso país. Eu posso dizer que votei em ti quando foste eleito presidente, mas que não votei nesta corja do PT.

Agora continuaremos contando com tua ajuda e com a ajuda dos demais senadores para que nosso país volte a prosperar e não se torne uma república bolivariana, cubana, venezuelana como estava acontecendo.

Eu vivo em Miami já há muitos anos, já sou também cidadã americana, mas não por isso deixo e deixarei de lutar pelo meu país. Convivo aqui

diariamente com pessoas vindas da Venezuela, de Cuba e sei muito bem o que é a vida lá, pelo que me relatam.

No mais, agradeço por tua resposta, por tua colocação e pelo voto a favor do *impeachment*.

Que dias lindos e promissores estejam à frente de nosso querido Brasil.

Obrigada, Presidente!

Madalena Aguiar

Miami – USA

Enviada em: dom 15/5/2016 15:24

---

Estimado Collor,

Obrigado por seu discurso no Senado referente ao *impeachment* de Dilma. De certa forma me senti com a MINHA alma lavada, pois sempre sofri a discriminação por “defendê-lo” até a atualidade, com o mesmo entusiasmo que dediquei em sua campanha presidencial no comitê de São Bernardo do Campo. E posteriormente quando fui candidato a Deputado Federal pelo PRN em SP.

Sempre defendi o Collor, mas não seu entorno, (...). Mas mesmo assim, o Collor nunca perdeu meu respeito. Por esse motivo, hoje ao chegar em casa, aqui em Lima no Peru onde vivo, busquei seu discurso na internet e não me decepcionei! Parabéns!

O mundo dá voltas! E seguirá dando!

Forte Abraço!

Miguel Oursoff

Lima – Peru

Enviada em: quin 12/5/2016 21:31

---

Desejo parabenizar-lhe pelo discurso altíssimo e histórico de ontem a que assisti expressamente até madrugada aqui na Itália.

Lhe peço um favor, quando sair o livro que falou, eu quero recebê-lo com Seu Autógrafo.

Sou italiano mas da sempre amo Seu País e sempre tive uma grande estima do Senhor que para mim resta sempre e para sempre o PRESIDENTE pela sua visão que antecipou os tempos como disse Adrian Roger no 1931:

“É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela prosperidade.

Por cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve trabalhar sem receber.

O governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém.

Quando metade da população entende a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então chegamos ao começo do fim de uma nação.

É impossível multiplicar riqueza dividindo-a.”

Um abraço e bom trabalho e quando puder me manda uma resposta se é possível ter o livro que mando as despesas e o meu endereço para receber.

Com muita estima e saudações

Salvatore Lo Bartolo

Itália

Enviada em: quin 12/5/2016 15:01

---

Bom-dia, Senador!

Escrevi-lhe ontem pedindo o seu voto favorável ao *impeachment* e venho hoje lhe agradecer pelo SIM.

Gostaria de lhe parabenizar pelo discurso, me emocionei, pois vivi no seu mandato e nunca apoiei Lula, o responsável pelo seu *impeachment*, tanto que quando Lula chegou à presidência me mudei do Brasil e vivo ainda fora do país esperando que um dia melhore.

Espero que como eu muitos brasileiros vejam o Senhor daqui para a frente com outros olhos.

Comemore muito, pois hoje deu o troco esperado e merecido com luvas de pelica.

Muito obrigada!

Soraia Pires Gebhard

Enviada em: quin 12/5/2016 09:31

---

Prezado Senador,

Muito me orgulho e nem tenho palavras para dizer que acordei ouvindo seu pronunciamento, pois na Itália já era bem tarde. Gostei muito do seu pronunciamento. O país inteiro notou o seu brilhantismo em seu discurso. Grata e acompanhando de perto sua atuação política. Que possamos construir um país melhor. Não é fácil ver um país tão maravilhoso sendo destruído por corrupção. É sempre tempo de se resgatar.

Valda Guedes

Itália

Enviada em: dom 22/5/2016 21:46

---

A Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,

Obrigado por liderar o Brasil na direção certa e pela remoção de Dilma em conformidade com a Constituição.

Eu sou brasileiro que nasceu no exterior. Eu sempre tive orgulho de ser brasileiro, mas agora tenho mais por causa de você.

Best regards,

Robert Mark Richeson

EUA

Enviada em: seg 30-5-2016 00:53

---

Excelentíssimo Senhor Senador da República Fernando Collor,

(...)

Escrevo-lhe pura e simplesmente pelo respeito, admiração e orgulho de tê-lo no Senado Federal. Votei pela primeira vez na vida em 1989, quanto fiz 18 anos. Votei em Vossa Excelência para presidente da República e nunca me arrependi disso, muitíssimo pelo contrário. Tenho absoluta certeza que se o senhor, homem da estatura intelectual que é, da sabedoria política e histórica da qual é possuidor e, principalmente, da coragem e honradez que sempre demonstrou mesmo nos momentos mais críticos de sua vida política e pessoal, tivesse terminado seu mandato de presidente, o Brasil hoje seria outro. Muito melhor, mais moderno e mais rico e respeitado tanto material quanto moralmente. Meus sinceros parabéns por sua inconfundível, firme e sempre fundamental e admirável presença no Senado Federal! Que Deus permita, um dia, que a História o recoloque no merecido lugar de destaque que lhe é devido.

Luis Suster, Físico, Doutor em Engenharia Nuclear, Oficial de Cartório, Policial da Polícia Civil

Rio de Janeiro – RJ

Enviada em: quin 19/5/2016 14:01

---

Estimado Senador e Eterno Presidente Collor:

Chamo-me Gilvan Motta, sou advogado militante, gaúcho radicado em Manaus desde 1977, acompanhei em 1992 toda a perversidade da política, quando V. Ex<sup>a</sup> foi vítima, sim, de um golpe institucional. Ontem assisti emocionado ao vosso discurso na Tribuna do Senado Federal e aqueles fatos de 24 anos passados voltaram na minha mente. Quanta hipocrisia, quanta maldade foi perpetrada contra V. Ex<sup>a</sup> e que, graças a Deus, o STF posteriormente ao menos remediou, com a absolvição de todas as imputações impingidas e covardemente assacadas contra V. Ex.<sup>a</sup> Parabens-o pelo belíssimo discurso, cristalino, divisor de águas, certamente muitos dos que estavam na sessão, devem fazer *mea culpa* até hoje, por terem privado o Brasil do comando e modernidade introduzidos por V. Ex<sup>a</sup> Um abraço e meu desejo de que continue sua caminhada altiva!

Gilvan Motta, Advogado

Manaus - AM

Enviada em: quin 12/5/2016 16:50

---

Prezado Senador,

Sou seu admirador desde a época da sua Presidência. Gostaria de parabenizá-lo pelo contundente discurso proferido na noite de hoje. Suas considerações históricas cristalizam um saber político do qual nosso país não pode prescindir. Faço votos para que continue de modo destemido o cívico caminho da política.

Saudações do Paraná!

Antonio Evandro Bressan, Engenheiro Eletricista e de Segurança do Trabalho

Paraná

Enviada em: quin 12/5/2016 00:32

---

Senador Fernando Collor,

Bom-dia!

A verdade se manifesta na História!

Parabenizo-o pelo seu discurso por ocasião da votação da admissibilidade do *impeachment*. Vossa Excelência mostrou maturidade, o que dá autoridade ao seu discurso. A serenidade prevaleceu à vaidade. O tempo e a vida ensinam. O Senhor é a materialização da eficiência da neurolinguística. Embora não seja seu eleitor, admiro sua inteligência, sobretudo sua retórica. Seja Feliz!

Edilson Macêdo, Prof. de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão  
São Luís – Maranhão

Enviada em: seg 31/5/2016 13:08

---

Fernando Collor, boa-tarde!

Acompanhei seu discurso na votação do processo de impedimento da presidente da República, e achei muito interessante um dos trechos em que comparou o seu processo de 1992 com o processo de 2016.

É notório que o seu processo foi exclusivamente político, pois suas medidas governamentais incomodaram muita gente do alto escalão do país. Na época eram necessárias medidas amargas e doloridas de forma imediata para a recuperação da República em geral.

Até nos dias de hoje, vivemos de medidas iniciadas pelo seu governo, principalmente na abertura do mercado. Éramos um país retrógrado. Só não podemos voltar a ser.

Pena que não tinha base parlamentar e, sem ela, no nosso sistema de governo não se governa. Em resumo, e sendo breve, na maioria das decisões políticas tomadas em 1991-1992, estava correto. Não dá para acertar todas. Era papel da sociedade civil entender a situação. Você tem muito apoio aqui em Araraquara-SP.

Grande abraço.

Vítor L. Tampellini, Contador

Araraquara - São Paulo

Enviada em: quin 19/5/2016 17:53

---



Muito obrigado, Presidente Fernando Collor!

Pelo vosso discurso e pela elegância!

Esperei todos esses anos, mas no fim dei a resposta através do vosso pronunciamento! Estou vingado, não se deve guardar ódio nem alimentar o rancor! “Quem com o ferro fere, com o mesmo ferro será ferido”, diz o Código de Hamurabi.

Obrigado por tirar este peso que carrego por todos esses anos. Estou vingado, estou vingado, estou vingado...

Elias Amorim, Doutor e Pós-Doutor, Professor de Medicina na Universidade Federal do Maranhão

São Luís – Maranhão

Enviada em: sab14/5/2016 19:09

---

Parabéns, presidente, fiz questão de acompanhar a TV Senado para ver seu pronunciamento e fiquei muito orgulhoso de ver equilíbrio e sensatez em seu discurso.

Espero termos virado esta página triste de nossa História e sei que o Senhor não irá medir esforços para ajudar o novo governo que se inicia.

Parabéns, presidente, e espero um dia poder conhecê-lo pessoalmente.

Isac Rocha, Especialista em Tecnologia da Informação

São Paulo – SP

Enviada em: quin 12/5/2016 10:48

---

Senador Fernando Collor, assisti atentamente ao seu pronunciamento em que Vossa Excelência fez um relato histórico de sua trajetória, do seu sofrimento quando foi afastado INJUSTAMENTE do cargo de presidente da República. A História lhe reservou o direito de fazer uma anamnésia de todo o sofrimento vivido.

Parabéns pela serenidade e postura ativa de um verdadeiro líder, de um político que foi ao inferno e voltou triunfante e com o sabor da VITÓRIA!

Carlos Sanches, Professor, Mestre e Doutor em Educação

Manaus-Amazonas

Enviada em: qua 18/5/2016 14:27

---

Boa-tarde, Senhor Fernando Collor!

Eu sou de São Paulo-capital, cidadão regular, advogado. Acompanhei os trabalhos realizados ontem, 11-5-2016, referentes à aprovação da admissão do processo de impedimento da Sra. presidente Dilma. E fiquei muito tocado com vosso pronunciamento proferido com extrema maturidade, realidade e, me permito com todo o respeito, na minha humilde visão, carregado de emoção verdadeira. E, se possível, gostaria de receber vosso pronunciamento escrito para ler e guardar, por ser importante (relevante), por retratar o momento atual e, também, histórico.

(...)

Desejo-lhe sucesso! Acredito que V. Ex<sup>a</sup> dará importante contribuição neste momento delicado econômico/político/social. Agradeço a vossa atenção.

Atenciosamente,

Israel Rejtman, Advogado

São Paulo – SP

Enviada em: quin 12/5/2016 13:39

---

Excelentíssimo Senhor Senador Fernando Collor,

Inicialmente, parabéns pelo pronunciamento e voto realizados na noite de ontem na sessão de admissibilidade do *impeachment*. O motivo do meu *e-mail* é dizer-lhe que diferentemente do que V. Ex<sup>a</sup> garantiu no seu pronunciamento de ontem, ainda não foi inocentado em todas as instâncias. Os livros escolares de História da rede privada e da rede pública ainda registram ERRONEAMENTE que o processo que tivemos em 1992 decorreu de graves problemas de corrupção e roubo generalizado, e o descrevem como corrupto e criminoso. Presidente, é preciso realizar urgentemente essa correção, o Senhor precisa dessa correção. As novas gerações não podem ter informações incorretas e não podem ser formadas por professores inescrupulosos que insistem em manter uma versão errada e forjada do que realmente aconteceu. Aposentei em Maceió como Superintendente do Banco do Brasil e hoje moro em Natal. Conte comigo, se necessário!

Eduardo Sant'Anna

Natal – RN

Enviada em: quin 12/5/2016 09:40

---

PARABÉNS PELO SEU DISCURSO DE ONTEM... COMO SEMPRE...ACERTOU EM CHEIO EM TODOS OS SEUS COMENTÁRIOS...

SR. PRESIDENTE....

Sim...PRESIDENTE...para mim...o Sr. será sempre o nosso presidente...

Fiquei muito triste em 1992 quando da sua renúncia...pois estávamos perdendo naquele momento o nosso melhor presidente... Melhor por vários motivos...

Hoje tenho uma profissão, coisa que na época me preocupava muito, pois ainda não sabia o que eu realmente poderia fazer em relação a uma profissão...hoje...sou analista de sistemas...graças a sua gestão...hoje...tenho um carro importado da marca Citroën... Graças a sua gestão...pois na época... abriu as portas do nosso tão fechado país para a entrada dessas tecnologias... A informática veio, a internet veio, os carros com mais segurança e conforto vieram também...dentre outras várias que o Sr. Presidente colocou aqui, para nós...que não saberíamos viver sem nada disso...

Eu teria muito a escrever aqui...a falar, mas não vou tomar seu tempo... Quero que saiba, sou seu fã... senti muito a sua saída... ELES não sabiam o que estavam fazendo...mas a resposta veio. Como o Sr. mesmo disse.... Seu momento chegou...com a saída dessa presidente e sua tropa de incompetentes que afundaram nosso país.

Seja candidato à presidência novamente...meu voto e da minha família...serão seus...sem a menor sombra de dúvida.

Adilson Pereira Tavares, Analista de Sistemas

Curitiba – PR

Enviada em: quin 12/5/2016 09:33

---

Presidente COLLOR:

É com imensa alegria que assisti durante toda a noite à sessão do Senado.

Sei que V. Ex<sup>a</sup> votou com sua consciência, mas, como tomei a liberdade de solicitar para que desse o voto SIM, o que para alegria minha e de minha família sendo, esposa, 4 filhos, 7 netos, 2 bisnetas e um grande amigo de nome Ivan Américo Gonçalves fomos agraciados com o voto positivo dado por V. Ex<sup>a</sup>

Reitero a minha admiração e o mais profundo respeito que sempre tive por V. Ex<sup>a</sup> Que Jesus guie sempre os passos de V. Ex<sup>a</sup>!

Respeitosamente,

Sérgio Luiz Batista LUPATINI – Militar

Enviada em: quin 12/5/2016 09:21

---

Bom-dia! Chamo-me Kalyana Araújo, tenho 37 anos de idade! Sou Terapeuta Ocupacional e moro no município de Buriticupu, no Estado do Maranhão!

Em 1992 eu tinha apenas 13 anos de idade, não podia votar ainda, mas já acompanhava com interesse o que acontecia no cenário político do nosso País na época... Meu pai era vereador aqui em nossa cidade e fez campanha em prol da sua eleição para Presidente da República dois anos antes... Lembro-me das carreatas animadas, das bandeiras e faixas em verde e amarelo e da empolgação das pessoas para votar no então candidato "Collor". Lembro-me também daquele dia triste em 1992, da sua descida na rampa do Planalto, de cabeça erguida, postura altiva.... Naquele dia eu pensei: O que será que está se passando na cabeça do Presidente nesse momento, como será que ele está se sentindo?

Senador, essas mesmas perguntas me fiz esses dias acompanhando esse novo processo de *impeachment*... O que estaria passando em sua cabeça, como estaria se sentindo? Depois do seu discurso ontem, eu entendi!

E é por isso que hoje venho aqui me manifestar.... Não venho fazer nenhum pedido, Senador, nenhuma crítica, apenas lhe parabenizar pelo discurso de ontem no Senado Federal e dizer que sou uma admiradora de Vossa Excelência. Dizer que a palavra de Deus nos diz que "os humilhados serão exaltados". Ontem foi um dia histórico, o qual terei prazer de contar aos meus filhos um dia quando eu os tiver. O dia em que o Senado parou para ouvir um homem cuja história foi manchada por ter sido injustiçado, mas que esse mesmo homem superou todos os obstáculos, deu a volta por cima e continua sendo um homem respeitável e admirado até mesmo por seus adversários.

Senador, que o nosso Deus continue lhe abençoando e fazendo do Senhor um homem honrado, realizado e feliz!! Continue firme nos seus propósitos, com os seus ideais e defendendo e fazendo política como se deve. Pois já chega dessa politicalha, politiquice, politicagem e politiqueiros que vêm causando o caos em nosso País.

Parabéns, Senador Fernando Affonso Collor de Mello, deixo aqui uma passagem da *Bíblia Sagrada*, no livro de Salmos, para que o Senhor sinta de verdade que a justiça dos homens pode até ser falha, mas a de Deus, jamais será.

«Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.» Salmos, 126:6

Um grande abraço!

Kalyana Araújo, Terapeuta Ocupacional

Buriticupu – Maranhão

Enviada em: quin 12/5/2016 10:44

---

Prezado Senador:

Em que pese não ser afeto a V. Ex<sup>a</sup>, gostaria neste momento de lhe parabenizar pelo brilhante discurso feito na noite desta quarta-feira.

Tive oportunidade de acompanhar atentamente a fala de alguns dos senhores Senadores, mas V. Ex<sup>a</sup> realmente me surpreendeu com uma sobriedade e sensatez em sua fala que, sem qualquer exaltação, pôde colocar o momento em que vive o povo brasileiro, com uma política mascarada e muitas das vezes hipócrita, com mentiras e feita à sombra.

Realmente é hora de repensar a maneira como se faz política, a qual deve ser feita com verdades, transparência e competência. Erros existem, somos todos humanos, mas reconhecer os erros é para os sábios, pois é errando que aprendemos a acertar e reconhecer esse erro. Não é hipocrisia ou humilhação, mas sim demonstrarmos que temos a humildade necessária para prosguirmos conduzindo, mesmo que importe a correção do rumo da nação.

Meus mais sinceros parabéns pelo posicionamento de seu discurso, sem qualquer confronto!

Com certeza acompanharei atentamente todo o desenrolar deste processo esperando que não seja feito o mesmo espetáculo, deprimente, ocorrido na Câmara, quando da votação.

Atenciosamente,

Julio Cesar J. Alves - Advogado

Rio de Janeiro – RJ

Enviada em: quin 12/5/2016 01:10

---

A V. Exª Sr. Senador Fernando Collor,

Excelência, sou um professor de Português, cidadão brasileiro e, assim como muitos, tenho acompanhado todo o processo de *impeachment* da presidente. Integro a lista dos muitos que perderam seu emprego. Venho por meio deste *e-mail* pedir, se possível, uma cópia de seu discurso proferido na reunião de votação do prosseguimento do processo de *impeachment*. O texto é de uma riqueza não só histórica e avaliativa, mas goza de uma eloquência que teria a maior honra em analisar, desde que com a sua permissão. Desde já agradeço a atenção voltada. Respeitosamente,

Marcus Vinícius Santos Faria – Professor de Português

Enviada em: quin 12/5/2016 00:06

---

Boa-noite!

Como brasileira e tendo votado pela primeira vez aos 16 anos para presidente da República em Fernando Collor... Como advogada...posso garantir que vivi para ouvir seu pronunciamento hoje! Parabéns!

A História reservou a todos nós vivermos este momento....

Saúde e paz!

Alessandra Borba, Advogada

Florianópolis – SC

Enviada em: quin 12/5/2016 00:01

---

Prezado Senador, boa-noite!

Primeiro quero me apresentar: sou professora de História e tenho acompanhado atentamente o processo de *impeachment* da presidente Dilma Roussef, porque me interesse pela política e também porque assim tenho condição de elaborar melhor tanto minhas opiniões, quanto minhas aulas para os alunos. Pela televisão, assisti aos deputados

(nossos representantes) justificarem seus votos. Hoje à noite, estou acompanhando os pronunciamentos dos senadores, pois os senhores representam os Estados brasileiros. Ouvi atentamente o discurso que V. Ex<sup>a</sup> acabou de proferir e quero lhe parabenizar pela peça retórica que apresentou. Ela (a retórica) se reveste de uma dimensão histórica bem escrita, lapidada e por isso muito consistente.

Assim compreendendo, na medida do possível, venho respeitosamente solicitar uma cópia do discurso de V. Exa. para que eu possa trabalhá-lo em sala de aula como um texto de História Política brasileira.

Aguardo um retorno e obrigada pela atenção dispensada.

Maria do Socorro Araújo, Professora de História

Enviada em: qua11/5/2016 23:30

---

Caro senador, sou dentista, tenho 54 anos e fui eleitor do nobre senador. Na época observei, apesar de novo, que a injustiça derrubava seu sonho e sua vontade de fazer um governo para os brasileiros. Parabéns, senador! Hoje estou no segundo mandato de vereador. Abraço!

Orlando Lima, Dentista e Vereador (PSDB)

Descoberto – MG

Enviada em: qua 11/5/2016 23:17

---

Excelência, boa-tarde!

Gostaria de parabenizá-lo por sua postura elegante no dia da votação para abertura do processo de *impeachment*.

Na época daquele conluio contra Vossa Excelência, eu era jovem, tinha votado pela primeira vez e não fui um dos caras pintadas nas ruas, pois não vi motivos para um absurdo daqueles. Hoje, sou a favor do *impeachment* da Sra. Dilma, pois os desmandos desse governo ultrapassam os limites do tolerável.

Nada como um ano após o outro. Vossa Excelência teve a oportunidade de votar o *impeachment* de um dos partidos que o humilharam na dé-



cada de 90. Isso se chama sementeira. A colheita sempre vem.

Sou uma nova advogada, formei-me há 2 anos, depois dos 40 anos e sinto um certo orgulho por ter conseguido realizar meu sonho depois de tantos anos fazendo o que não me satisfazia.

Parabéns pelo seu retorno à política!

Elzira Brum, Advogada

São Paulo – SP

Enviada em: seg 23/5/2016 17:30

---

Nobre Senador Fernando Collor,

Gostaria de deixar registrado que tive seu discurso de ontem como épico.

Isso por que a mensagem passada ao Presidente do Senado e aos demais parlamentares e a todos os brasileiros que lhe assistiam foi, sem sombra de dúvida, um discurso brilhante, que trouxe à baila vários assuntos que jamais deveriam se apagar de nossas mentes.

Não obstante algumas reservas sobre sua jornada política, notadamente na condução de nosso País, gostaria de externar minha admiração por seu dom da palavra, oratória impecável e de inteligência ímpar. Parabéns!

Att.

Maikom Mauri Crispim, Advogado

Itajaí – SC

Enviada em: quin 12/5/2016 13:54

---

Ao

Excelentíssimo Senador da República Federativa do BRASIL

Ex-Presidente e ex-Governador FERNANDO AFFONSO COLLOR DE MELLO

Solicito vênua, de vossa atenção, em transbordar aqui nossa admiração e mais alto respeito a vossa pessoa, admirável postura, atitude e forma de manifestar-se em tribuna do plenário da CASA SUPREMA-JULGADORA dos atos da atual presidente.

Em oportuno da presença manifesto meus cumprimentos pessoais e profissionais, em confluência com meus sentimentos nacionalistas, de BRASILEIRO devotado ao presente e ao futuro da nação, em consideração paterna de deixarmos um país melhor aos nossos descendentes.

Excelentíssimo Senador e ex-Presidente, faço uso aqui de vossas palavras, que o MOMENTO LHE RESERVOU A TRIBUNA, e assim também lhe digo que o TEMPO lhe RESERVA algo mais vital e importante nos desígnios desta NAÇÃO, SER NOVAMENTE PRESIDENTE ELEITO pelo POVO, de ser O TRANSFORMADOR de um FUTURO MELHOR, pois vejo em vossos olhos e nas vossas condutas pessoais, na vossa POSTURA PESSOAL o detentor das qualidades, atributos, força e coragem para ter a justa oportunidade de REASSUMIR o cargo que vos roubaram com artimanhas, manipulações e contragolpes políticos.

Candidate-se, Senhor Excelentíssimo SENADOR FERNANDO COLLOR DE MELLO e acreditamos que será eleito, conte com meu voto, no sufrágio das urnas.

Quem assim seja a vontade conduzida.

Rogério Olszewski, Engenheiro Civil, Florianópolis – PR

Enviada em: quin 12/5/2016 09:59

---

Prezado senador Fernando Collor de Mello,

Nos meus 34 anos, tive a honra e a oportunidade de, quando criança, fazer campanha eleitoral para o senhor. Eu e minha família ficamos muito tristes quando foi impedido em seu pleno mandato.

Sei hoje (através de depoimentos) que a associação dos empresários de

imprensa foi a maior responsável pelo seu impedimento, pois o senhor ao abrir a economia ameaçou o setor, uma vez que abriu o mercado aos empresários de imprensa estrangeiros. Assim, tal setor se sentiu ameaçado e com medo de perder os “rios de dinheiro” que o governo aloca nesse setor.

Portanto, ao ver o senhor a favor do impedimento da presidente Dilma, me senti de alma lavada.

Obrigado por tirar essa corja do poder.

Que Deus lhe abençoe!

Eduardo Davoglio de Souza, Advogado

Bahia

Enviada em: quin 12/5/2016 02:55

---

Senador,

Dentre todas as intervenções na sessão desta noite (*impeachment*) julgo ter sido a melhor síntese de todas até agora proferidas. Pela primeira vez em todo esse triste episódio por que nosso país está passando, ouviu-se alguém que demonstrou uma visão lúcida do estado em que nosso Parlamento jaz nesses últimos decênios.

Meus parabéns! Hoje fiquei com uma nova visão de sua história e passei a compreender melhor os acontecimentos de 92.

Rubem Bernardes Kepper, Professor, Mestre em Filosofia do Direito

Rio de Janeiro

Enviada em: qua 11/5/2016 22:27

---

Excelentíssimo Senador,

Sou professor do Ensino Médio em escola pública e apreciei muito o discurso de Vossa Excelência na tribuna. Realmente histórico e digno de estar escrito nos livros de História.

Senador. Será que o discurso lido pelo senhor está disponível na íntegra em formato de texto? Gostaria de tê-lo em meus arquivos para levá-los (os vossos argumentos) até a sala de aula.

Sem mais, despeço-me com muito respeito e admiração.

Moisés Mancebo Manhães Junior - Professor

Camapuã – MS

Enviada em: sab 14/5/2016 08:40

---

Meu nome é Luciano.

Sou administrador de empresas, tenho 41 anos e sou da cidade de Ipatinga/MG. Na época das eleições do Sr. Fernando Collor, tinha apenas 14 anos e na época de sua saída do governo tinha 17 anos.

Sempre tive vontade de lhe escrever para dizer que se não fossem todas as atitudes tomadas em seu governo ainda estaríamos parados no século XX com modelos de carros ultrapassados, com a baixa qualidade dos produtos fabricados em nosso país, entre tantas outras atitudes tomadas pelo seu governo que colocaram nosso país no rumo do avanço à modernidade.

Eu sempre acreditei no seu governo e apesar de não ter votado na época (devido a minha idade) sei que era e é o melhor governo que o país poderia ter.

Não sei o porquê de minha vontade em lhe enviar este *e-mail*, mas é um interesse de explicitar que eu sempre acreditei que o que houve na época foi uma manipulação de diversas instituições no país que não queriam que o país evoluísse e sim continuasse estagnado apenas atendendo o interesse de alguns.

Parabéns, eu sempre acreditei...

Luciano, Administrador de Empresas

Ipatinga – MG

Enviada em: quin 12/5/2016 09:44

---

Excelentíssimo senhor senador Fernando Collor,

Venho por meio deste parabenizá-lo por tão belo discurso, realizado no dia 11/5. Confesso que antes desse discurso acompanhava muito pouco V. Ex<sup>ª</sup> no Senado, mas o senhor se mostrou alguém que eu ainda não conhecia e por isso ganhou hoje um novo fã, se assim posso dizer.

Muito além do magnífico texto que apresentou no Senado, é de admirar o discurso e principalmente a forma que se manifestou no palanque.

Novamente o parabenizo e digo que a política brasileira necessita de homens com a sua índole. Sem mais.

Matheus Pereira Camargo Coelho, 21 anos, Estudante de Educação Física / ESEF Jundiaí-SP

Enviada em: sex 13/5/2016 15:23

---

Prezado Senador,

Muito obrigado por seu voto pela admissibilidade do *impeachment* de Dilma, e por fazer renascer a esperança no coração da maioria absoluta dos brasileiros.

Cordialmente,

Arthur Gomes

Enviada em: sex 13/5/2016 02:15

---

Caro Senhor Senador, obrigada.

Parabéns, foi o melhor de todos os discursos - sereno, profundo e fulcral... emocionante e embargante!!

Hoje podemos afirmar que, quando Presidente, teve a dignidade de aceitar o processo contra si sem ameaçar as instituições ou trabalhar para aniquilá-las, diferentemente destes que estavam no poder. Presidente Fernando Collor, fostes um lorde inglês com o país.

Mais uma vez, obrigada!

Grande abraço,

Monika Vieira

Enviada em: quin 12/5/2016 23:58

---

Caro Senador,

Parabenizo-o pelo seu discurso. Excelente momento que a vida lhe proporcionou. Que cada cidadão, que no passado não compreendeu o que lhe aconteceu e hoje participa desse *impeachment*, tenha a oportunidade de rever e aprender sobre a História do nosso país. O Senado simplesmente parou para ouvi-lo.

Que a sua história seja recontada e os livros reescritos.

Abraços.

Andrea Zapparoli

Enviada em: quin 12/5/2016 07:23

---

Sr. Senador Fernando Collor,

Gostaria de parabenizá-lo pelo depoimento dado hoje na sessão destinada à deliberação da admissibilidade do processo de *impeachment*. Confesso que não havia estudado o que havia acontecido no processo de *impeachment* do Senhor, e acredito que assim como eu, muitos que não tiveram a oportunidade de acompanhar o processo de *impeachment* de 92, ficaram esclarecidos de tudo o que aconteceu graças ao vosso depoimento relembrando os fatos ocorridos. Parabéns, Senador, pelo excelente discurso!

Renato Pereira

Enviada em: qua11/5/2016 23:26

---

Prezado senador Collor,

Queria lhe dar os parabéns pelo histórico voto de Vossa Excelência a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. A diferença de tratamento no caso de Vossa Excelência, se comparado ao da presidente Dilma Rousseff, é ESCANDALOSA!!! E o PT ainda tem a coragem de se dizer vítima de um golpe!!! Porém, apesar de tudo o que o senhor passou, sempre manteve a dignidade, não transformou o Palácio do Planalto num palanque para comícios partidários, e nem ameaçou o

povo brasileiro com o terror como vem fazendo o PT com os ditos “movimentos sociais”.

Obrigado, senador, pelo voto a favor do Brasil e do povo brasileiro na noite de hoje. Que a partir de amanhã, sem os ódios que o PT sempre fez questão de disseminar na sociedade brasileira, possamos nos unir para salvar o Brasil da pior crise econômica de sua História. QUE DEUS ABENÇOE O BRASIL!!!

Marcelo Monteiro Ribeiro

São Paulo – SP

Enviada em: quin 12/5/2016 00:37

---

Caro senhor Fernando, boa-noite! Acompanhei cada passo de seu afastamento da presidência do Brasil. Não entendo por que isso aconteceu. O que entendo é que perdemos um homem na direção de uma nação que iria de uma vez por todas mudar o rumo deste país. Vi em seu governo um modernismo de política equivalente a países de primeiro mundo. Vendo agora sua fala na tribuna do Senado, tive a certeza do meu pensamento em relação ao seu governo. Meu nome é Eduardo Binhoti, um simples brasileiro, mas gostaria muito de vê-lo novamente na direção deste país e ter as suas ideias inovadoras para levar esta nação a um ponto que ela realmente merece estar. Forte abraço!

Att: Eduardo Vicente

Enviada em: quin 12/5/2016 17:32

---

Sr. Presidente, ou melhor, ex-Presidente, foi proposital esta minha colocação, pois sempre o vi como um homem capaz de ocupar a cadeira presidencial. Após ouvir atentamente, e ouvir novamente, a sua fala, pude não só perceber como também consolidar aquilo que como cidadão pude observar (e acredito que não só eu, mais muitos brasileiros) uma tremenda injustiça naquele movimento de 1992 que culminou em seu afastamento. Até mesmo a sua postura na saída do governo muito me chamou a atenção pois, ao contrário do governo ora impedido, o

senhor de uma certa forma quase verbalizou com sua postura que o tempo por si só traria a verdade à tona.

Muito me honra escrever a Vossa Excelência, e é com muita admiração e apreço que coloco minhas pequenas palavras. O Senhor sem dúvida é um homem honrado e que, por suas próprias qualidades não só intelectuais, mas principalmente de um caráter polido, demonstra como pouquíssimas condições de conduzir nosso Brasil, como um verdadeiro Brasileiro que o senhor é.

Muito obrigado.

(Sou ex-militar da FAB hoje na reserva de baixa graduação, porém muito firme em minhas convicções). Fica com Deus.

João Ricardo Alves da Silva

Enviada em: sex 13-5-2016 23:29

---

Prezado Senador Collor,

Fiz um texto, em meu *blog*, sobre o seu discurso. Não é um texto que fala bem ou mal do senhor, até porque eu só o conhecia dos livros, pois era muito criança em 1992 (hoje tenho 31 anos de idade).

Gostaria que o Senhor lesse. Não precisa me responder ou divulgar. Não é o meu objetivo. Mas eu queria que o Senhor soubesse que ao contar a sua história, contou também a História do Brasil.

Obrigada pelo seu discurso, que provou que o mundo dá voltas e que todos podemos dar a volta por cima.

O *link* do texto, caso se interesse:

<http://omeuindizivel.blogspot.com.br/2016/05ruinas-de-um-pais-o-discurso-de-collor.html>

Marcela Zaindan - Brasília

Enviada em: sab 14/5/2016

(O ensaio da remetente consta da sequência)



## ENSAIOS PUBLICADOS

### **Ruínas de um País: o discurso de Collor e as voltas que o mundo dá.**

Texto de Marcela Zaidan (Blog “O MEU INDIZÍVEL”)

Sexta-feira, 13 de maio de 2016.

Sim, eu sei. Hoje foi o dia de todo mundo brigar e discutir até a exaustão sobre o discurso do Temer e dar palpites sobre o futuro do Brasil. Mas o meu coração estacionou em um ponto distante do tempo e do espaço, talvez naquele instante raro e mágico que de vez em quando permite o encontro de todos os tempos em um só. E eu só tive olhos e ouvidos para um único discurso: o do senador Fernando Collor de Mello.

O homem que foi o primeiro presidente eleito por voto direto, após o Regime Militar, com apenas 40 anos de idade, foi também o primeiro a ser deposto por um processo de *impeachment*. E ele estava ali, lúcido e de pé, 24 anos depois da sua queda desastrosa, para narrar a sua própria versão da História que se confundiu com este presente confuso que estamos todos compartilhando agora.

Todo mundo fez silêncio para escutar o homem que sobreviveu à própria tragédia, se reinventou das cinzas e voltou, como uma prova viva e incômoda de que a vida não dá garantias a ninguém e que o mundo dá mais voltas do que podemos suportar.

Não se trata de amar ou odiar Collor. Trata-se do assombro diante dos mistérios que o futuro reserva a cada um de nós. Quem poderia imaginar que dois presidentes sofreriam *impeachment* em tão pouco tempo? Quem poderia prever que 2016 seria assim, incompreensível, com um monte de gente berrando as certezas que ninguém mais tem? Quem?

Somos um bando de doidos carregados de razão tola e frágil. O discurso de Collor doeu porque desmontou as nossas verdades, uma a uma. Ele é a constatação do absurdo de que a vida da gente muda num instante. De repente,

a gente se distrai por um segundo com o “mais do mesmo” da nossa rotina e, quando se dá conta, o mundo que a gente conheceu não existe mais.

Collor impressiona. Sua aparência ainda jovem nos alerta sobre o pouco que se passou, apesar de parecerem séculos, desde que estivemos em 1992. Eu não entendia nada de nada naquele tempo, era muito criança, e não sei se consigo entender alguma coisa agora. Mas sei que me impressionei com a sua voz firme repetindo, como se fosse a revelação de uma profecia antiga, exatamente o mesmo que disseram no *Impeachment* dele, no mesmíssimo Congresso Nacional: “Chegamos às ruínas de um governo, às ruínas de um país”.

E quando é que deixamos de ser ruínas?

E se estivermos todos mortos enquanto insistimos em respirar?

Pude ouvir o barulho distante de uma porta se batendo, enquanto ele falava, tamanho foi o silêncio constrangedor que se instalou por todo o Senado. Não era mais uma mera questão de interesse ou de curiosidade: ninguém conseguia parar de ouvir Collor. Quem de nós podia afirmar, naquele momento, se Collor falava sobre ele, sobre Dilma ou sobre o íntimo inconfesso de cada um de nós? Quem?

A primeira vez que eu ouvi a palavra “corrupção” foi na escola, quando me contaram a história daquele presidente que roubou a Poupança e a esperança de todo mundo. Mas não me contaram que aquela história que eu deveria decorar para a prova não tinha um ponto final. E não me alertaram que, anos depois, eu não saberia o que fazer diante do próprio Collor e da cruz que ele ainda carrega. Não me explicaram que eu não saberia o que pensar da tragédia que aquele homem arrastava por toda a parte, como as correntes de um fantasma.

Mas foi o próprio Collor, aqui mesmo em 2016, em um tom que me pareceu amargo, vingativo e, ao mesmo tempo, vitorioso, quem me respondeu com uma belíssima citação:

“Todas as tragédias que se podem imaginar reduzem-se a uma mesma e única tragédia: o transcorrer do tempo.”

Collor ainda disse que a História reservou a ele aquele momento. Mas ele não fez juízo de valor sobre isso, nem nos explicou se era bom ou ruim estar ali, novamente, como se fosse a caricatura de uma fênix.

Como é irônica a história de Collor, a História do Brasil! Como é maluco o fato de que a longo prazo estaremos todos mortos, mas nenhum de nós sabe o que nos reserva o intervalo entre o ser e o deixar de ser. Não sabemos quantas vezes ainda cairemos e quantas vezes conseguiremos levantar das nossas quedas.

Haverá perdão para Collor? Haverá perdão para Dilma? Haverá perdão para nós? A História perdoa alguém? Não sei. Mas sei que a vida não tem preferidos e não sente pena de ninguém. A falta de sentido e de rumo que nos ronda e que sempre negamos pode ser o nosso mistério maior.

Collor, que antes eu só conhecia dos livros, quase me fez chorar com seu discurso. Só não sei se foi por medo, se foi por luto, se foi por uma esperança esquisita, dessas que acreditam que se o mundo não para de girar, talvez um dia nós também daremos a volta por cima das nossas próprias tragédias.

***Marcela Zaidan é advogada***

*<http://omeuindizivel.blogspot.com.br/2016/05/ruinas-de-um-pais-o-discurso-de-collor.html>*

## O Ruído do Tempo

Texto de Martim Vasques da Cunha (Site “OBSERVADOR”)

21 de maio de 2016

Neste ensaio, Martim Vasques da Cunha, escritor e jornalista, faz uma viagem desde o passado para explicar a crise que está a deixar o país que foi de Collor e de Dilma e agora é de Temer em ruínas.

1. O círculo fechado
2. A gaiola dos intelectuais
3. O Monte de Areia
4. A administração da catástrofe
5. O risco do bordado
6. A escalada dos extremos

### O círculo fechado

O povo brasileiro preparava-se para dormir quando Fernando Collor de Mello subiu ao púlpito do Senado Federal e iniciou o seu discurso.

Eram 22h58min da noite e, apesar de a maioria dos cidadãos ter continuado com o seu quotidiano, sem se importar com a longa sessão de admissão do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (prevista para durar 22 horas), uma outra parte estava à espera do discurso daquele que, em 1992, tinha sido o primeiro governante do país a sofrer a mesma situação de que, agora, ele estava sendo testemunha; e ninguém sabia se seria também o algoz daquela mulher que era integrante do mesmo grupo opositor que, anos atrás, conseguiu a vitória para tirá-lo do poder – o Partido dos Trabalhadores.

Naquele ano, todos reconheciam que ninguém se esqueceria da histeria coletiva ocorrida durante o *impeachment* de Collor – e das passeatas com os chamados “caras-pintadas” (por causa dos seus rostos cobertos de tinta negra), que aconteciam como formigueiros. Ninguém também se esqueceria do dia 29 de setembro de 1992, na votação da admissão do processo na Câmara dos Deputados, em que cada congressista fazia questão de mostrar que estava ali exclusivamente pelo bem do país. Entre os vários exemplos que ficaram gravados na retina da memória estavam o do deputado Roberto Campos, depois imortalizado como combatente do pensamento liberal, e que naquele dia foi à Câmara adoentado, arfante, agrilhado a uma cadeira de rodas, e deu o seu voto triunfal; outro foi o de Renan Calheiros<sup>1</sup>, então aliado de Collor quando este foi eleito à Presidência da República, e depois tornou-se um dos primeiros a passar para o lado da oposição, ao acusar o esquema de corrupção montado por Paulo César Farias (então tesoureiro particular do Presidente<sup>2</sup>), sendo em seguida retaliado em uma acusação judicial de calúnia, infâmia e difamação oriunda do governo.

Vinte e quatro anos depois, foi o mesmo Renan, agora presidente do Senado e também um dos investigados na Operação Lava Jato (com nove indiciamentos processuais), que anunciava o discurso de Fernando Collor. O ex-presidente da República e agora senador de Alagoas, antes conhecido pelo seu porte atlético, vigoroso e incansável, ainda mantinha uma certa altivez física do passado, mas tinha os cabelos grisalhos indicando a passagem do tempo para todos os envolvidos naquele cenário surreal. Empertigado, ficou atrás do púlpito, dirigiu-se respeitosamente ao presidente do Senado (que foi seu aliado, depois o traiu e, naquela

---

1 Há um equívoco do autor, na medida em que Renan Calheiros, em 1992, não era mais deputado federal e, portanto, não votou no processo de impeachment. Seu mandato foi de 1987 a 1991. Talvez o autor quisesse se referir ao deputado Cleto Falcão.

2 Sobre este comentário do autor, cabe esclarecer que Paulo César Farias era tesoureiro da campanha presidencial de 1989, que incluía a chapa da candidatura e toda uma estrutura de pessoal e logística. Não era, portanto, meu tesoureiro particular.

circunstância histórica, era novamente seu parceiro político) e ao resto do plenário com as seguintes palavras de abertura:

### *“Ruínas de um Governo*

*Esse é o título de uma obra clássica de Rui Barbosa, de 1931. Nela o autor afirma: ‘Todas as crises, portanto, que pelo Brasil estão passando, e que dia a dia sentimos crescer aceleradamente, a crise política, a crise econômica, a crise financeira, não vêm a ser mais do que sintomas, exteriorizações parciais, manifestações reveladoras de um estado mais profundo, uma suprema crise: a crise moral.’”*

Pouco importava naquele momento se Fernando Collor de Mello também estava envolvido na Lava Jato, com seis processos<sup>3</sup> – aliás, como também estavam enredados 58% dos senadores ali à espreita para verem como terminaria aquele discurso. Pouco importava ali o uso equivocado das palavras de Rui Barbosa – um sujeito que adorava uma retórica empolada, republicano militante, mas que também foi um dos responsáveis pela desastrosa política econômica do “encilhamento”, algo muito semelhante na época da República Velha ao que ocorreu com o surto de prosperidade da Era Lula-Dilma e que agora também fazia o país pagar um altíssimo preço.

### *Mais informação*

*Sobre as relações entre Rui Barbosa e o “encilhamento”, ver aqui. É de se ressaltar que Collor também cometeu um equívoco de datas. Segundo as informações do site da Casa Rui Barbosa, a obra Ruínas de um Governo foi editada em 1913, depois reeditada sob o nome de Trabalhos diversos, o que faz sentido, já que o próprio Rui faleceu no ano de 1923. Portanto, a crise política referida*

---

<sup>3</sup> Não existem seis processos. Existe uma denúncia ainda sob análise do STF para acolhimento ou não, e inquéritos de investigação a cargo do Ministério Público. Portanto, não sou réu em nenhum processo formalmente constituído no âmbito do STF.

*no decorrer do discurso não se refere à década de 1930, mas muito provavelmente aos anos finais do Império e o surgimento da República Velha.<sup>4</sup> (\*)*

O que estava a assistir ali era nada mais nada menos que a História, assim mesmo, com H maiúsculo. E, de algum modo, Collor sabia que aqueles vinte e quatro anos de distância prepararam-no para viver aquele instante distendido em quinze minutos não de fama, mas de imortalidade.

---

4 (\*) Sobre as observações do autor, cabe esclarecer:

*De fato, a redação do discurso pode ter levado a interpretação diversa. A citação de 1931 à obra Ruínas de um governo, de Rui Barbosa, refere-se ao ano da publicação do livro feita pela Editora Guanabara (RJ), única encontrada em pesquisas realizadas e de fácil comprovação até mesmo em qualquer consulta na internet. É sabido que a obra compõe-se de quatro textos para conferências escritos por Rui Barbosa em 1913, reunidos na obra Trabalhos diversos, com críticas ao governo Hermes da Fonseca (1910-1914).*

*A escolha do trecho do livro citado no discurso se deu exatamente por ter sido ele usado por Lima Sobrinho como introito à denúncia apresentada contra mim em 1992. Ao falar de vários tipos de crise, seu teor coincide com o momento que hoje vivemos no Brasil, em todos os sentidos, e que levou ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.*

*O fato de Rui Barbosa ter sido, como ministro da Fazenda nos primeiros anos da República, um dos responsáveis pela crise do “encilhamento” – que de fato muito se assemelha aos fundamentos e efeitos da política econômica adotada pelos governos Lula e Dilma –, não invalida, contudo, suas posteriores críticas às diversas crises do país.*

*Tais crises por ele abordadas referem-se, por óbvio, à República Velha, período em que atuou ativamente na política e durante o qual escreveu os textos que compõem o livro publicado posteriormente (1931), após sua morte em 1923. No contexto do discurso, enfatizei aquelas crises como causas que levariam o país a rupturas institucionais maiores, como a Revolução de 1930 e, mais tarde, o Estado Novo (1937).*

*O mesmo sentido é explorado por Flávia Beatriz Ferreira de Nazareth, no trabalho “Rui no espelho reflete Hermes!”, publicado pela Revista Simbiótica nº 7, dez., 2014, da Universidade Federal do Espírito Santo (Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias – Departamento de Ciências Sociais):*

*“(...) A derrota de Rui Barbosa na campanha eleitoral para a presidência da República em 1910 para o Marechal Hermes da Fonseca inaugura um momento de radicalização política de Rui Barbosa, que fica registrado no livro Ruínas de um governo que é um conjunto de discursos proferidos por ele contra o governo Hermes. **A compreensão desse período é vital para o entendimento da política nacional e seus desdobramentos em outros períodos autoritários como a ditadura civil de Getúlio Vargas e a civil militar do golpe de 1964.**” (grifo)*

Ele continuou a dizer na sua fala:

*“Em 1992, esse trecho foi utilizado por Barbosa Lima Sobrinho [jornalista e advogado] como introito à denúncia que apresentou contra mim. Ruínas de um Governo é a expressão de Rui Barbosa para invocar as crises que atingiram o Brasil nos anos 30.*

*Sr. Presidente, jamais o Brasil passou, como hoje, por uma confluência tão clara, tão entrelaçada e aguda de crises na política, na economia, na moralidade e na institucionalidade. Chegamos ao ápice de todas as crises. Chegamos às ruínas de um governo, às ruínas de um país. Esse é o motivo pelo qual aqui e agora discutimos possíveis crimes de responsabilidade da presidente da República. Não discutimos crimes comuns. Isso é pacífico. A esses a Constituição reserva o juízo do Supremo Tribunal Federal. Ao Senado da República, cabem a pronúncia e o julgamento quanto aos crimes de responsabilidade. Essa é uma diferenciação importante. Aqui, julga-se responsabilidade.*

*Em 1992, em processo análogo, bastaram menos de quatro meses entre a apresentação da denúncia até a decisão de renunciar no dia do último julgamento. No atual processo, já se foram mais de oito meses. A depender do resultado de hoje, mais seis meses são previstos até o julgamento final. O rito é o mesmo, mas o ritmo e o rigor, não! Basta lembrar: entre a chegada no Senado da autorização da Câmara até o meu afastamento provisório, transcorreram 48 horas. Hoje, estamos há 23 dias somente na fase inicial nesta Casa. O parecer da Comissão Especial, que hoje discutimos, possui 128 páginas. O mesmo parecer de 1992, elaborado a toque de caixa, continha meia página, com apenas dois parágrafos – isso mesmo, dois parágrafos! O tempo é outro, Sr. Presidente.*

*Em 1992, fui instado a renunciar na suposição de que as acusações contra mim fossem verdadeiras. Mesmo sem a garantia da ampla defesa pelo Congresso, em todas as fases, me utilizei de advogados particulares. Dois anos depois, fui absolvido de todas as acusações do Supremo Tribunal Federal. Portanto, dito pela mais alta Corte de Justiça do País, não houve crime. Mesmo assim, perdi meu mandato e não recebi qualquer tipo de reparação. Pelo contrário, depois da renúncia, recorri ao próprio Supremo*



*Tribunal para ao menos reaver os direitos políticos que me cassaram. Mesmo se tratando de matéria eminentemente constitucional – direitos políticos –, alheia ao mérito do impeachment, o Supremo negou o Mandado de Segurança sob a alegação de que não cabia à Corte se pronunciar sobre decisão do Senado, ainda que tomada após minha renúncia.”*

Collor fazia algo raríssimo a quem é do Senado Federal (e, por extensão, a todos os políticos brasileiros, quiçá do mundo): ele se colocava no centro dos acontecimentos, punha a sua honra pessoal em jogo e fazia ousados paralelos entre o que havia acontecido no seu processo de *impeachment* e o que estava a acontecer com Dilma Rousseff. Por meio de uma retórica subtil e sofisticada, ele não hesitava em afirmar que, ao contrário do que os livros de História afirmavam e o que era o oposto do que a militância petista gritava aos quatro cantos naqueles dias, Dilma Rousseff não estava a sofrer nenhum golpe político. Quem fora golpeado tinha sido ele. Era a heresia das heresias, mas, graças a um discurso cheio de referências cifradas, poucos perceberam a reviravolta no raciocínio que ia contra o que era propagado pela elite cultural do país desde 1992, e que foi transmitido aos nossos “órfãos da democracia” como o governo que enfim traria o fim da desigualdade social – simbolizado eternamente pelo projeto de poder do Partido dos Trabalhadores.

E assim, continuava a falar:

*“Pois bem, Sr. Presidente, todas as tragédias que se podem imaginar reduzem-se a uma mesma e única tragédia, o transcorrer do tempo. É o mesmo tempo imperioso do mundo que nos traz à razão.*

*É nesta quadra, de adversidade para uns e tragédias para outros, que constatamos que o maior crime de responsabilidade está na irresponsabilidade pelo desleixo com a política; na irresponsabilidade pela deterioração econômica de um país; na irresponsabilidade pelos sucessivos e acachapantes déficits fiscais e orçamentários; na irresponsabilidade pelo aparelhamento desenfreado do Estado que o*

*torna inchado, arrogante e ineficaz; na irresponsabilidade pela ação ou omissão perante obstruções da Justiça.*

*É crime de responsabilidade, Sr. Presidente, a mera irresponsabilidade com o país, seja por incompetência, negligência ou má-fé.*

*Mas não foi por falta de aviso. Desde o início deste Governo fui, ao longo dos anos, a diversos interlocutores da presidente para mostrar os problemas que eu antevia e que desembocaram nesta crise sem precedentes. Falei, dentro da minha convicção, dos erros na economia, na excessiva intervenção estatal, nas imprudentes renúncias fiscais, falei da falta de diálogo com o Parlamento. Nos raros momentos com a presidente, externei minhas preocupações, especialmente após a sua reeleição, quando sugeri a ela uma reconciliação de seu novo Governo com seus eleitores e com a classe política.*

*Sugeri que fosse à televisão pedir desculpas por tudo o que se falou na campanha eleitoral, desmentido depois por seus próprios atos, nos primeiros meses do atual mandato.*

*Alertei-a sobre a possibilidade de sofrer impeachment, mas não me escutaram. Coloquei-me à disposição. Ouvidos de mercador. Desconsideraram minhas ponderações, relegaram minha experiência. A autossuficiência pairava sobre a razão. [...]"*

Talvez o leitor português não consiga imaginar como aquelas palavras continham uma ironia que era, ao mesmo tempo, trágica e agri-doce. Collor sempre foi um político constantemente crucificado tanto pela população como pela imprensa, considerado por muitos como um parlamentar medíocre e com graves falhas de caráter – e, para piorar, desde março de 2015 insistia que a ação de *impeachment* contra Dilma Rousseff não era válida. Mas, naqueles instantes, por incrível que pareça, fazia uma anatomia cruel, corajosa e verdadeira do que estava a acontecer no final melancólico da Nova República. Era o tempo falando por meio da sua boca, era o tempo a confirmar que a sua experiência da derrota poderia ter ajudado a presidente petista, mas ela não o ouviu – e aí estava o resultado: o colapso de um sistema de governo:

*“Por tudo isso, o sistema está em ruínas. E ruínas, Sr. Presidente, demandam reconstrução. Reconstrução requer determinação que, por sua vez, exige conscientização e admissão da verdade.*

*Há 11 anos vimos o choro de parlamentares decepcionados com as agruras e a verdade crua de um partido [aqui, Collor se refere ao escândalo do Mensalão, em 2005, que mostrou que o PT foi eleito e mantido às custas de um esquema de “caixa 2” comandado pelo então chefe da Casa Civil, José Dirceu, hoje preso pelo mesmo crime de formação de quadrilha na Operação Lava Jato]. Hoje, envoltos em tormentos muito piores, não vemos sequer uma lágrima, uma lágrima de constrangimento que seja. Ao contrário, o que se vê é a defesa rouca, cega, mouca e intransigente.*

*Entre retóricas e evidências; entre quimeras e realidades, entre golpe e a farsa do golpe, apesar de tudo e, por tudo isso, a população brasileira evoluiu na participação política. Mas admitamos, Sras. e Srs. Senadores, regredimos no agir da política. Reafirmo: uma Nova Política precisa se estabelecer. Seja qual for o resultado de hoje, precisamos virar esta página, repensar e instituir a política pela qual a sociedade clama. O atual processo de impeachment nada mais é do que a tentativa de, a partir do passado, aplainar o presente para decantar o futuro. Um futuro em que precisaremos conciliar uma altiva e corajosa voz de comando do Executivo, com a moderadora e conciliadora voz do Legislativo.”*

E Collor não pararia por aí. Faltava o golpe de misericórdia. Como se não fosse suficiente, ele resolveu terminar o seu discurso – que passava a ser interrompido pela campanha ruidosa do plenário que o avisou que o seu tempo estava prestes a acabar – citando ninguém menos que o mais recente livro do historiador Marco Antonio Villa, justamente dedicado ao seu governo, intitulado singelamente *Collor Presidente*.

Villa é reconhecido como um dos mais ferrenhos opositores do governo petista, sem hesitar de chamar a administração Lula-Dilma de “organização criminosa” (e de presente ganhou uma queixa-crime por parte do ex-presidente Lula devido a essa afirmação). Sua característica principal como historiador é a compilação obsessiva de datas, dias e horários, ao mesmo tempo em que há uma imparcialidade próxima da entomologia no

momento da análise dos fatos (apesar de que, na hora de discorrer sobre conceitos especificamente filosóficos, chega a ser de um primarismo adolescente, ao classificar o PT como um “partido conservador” porque ele teria corrompido os ideais da Esquerda ao abraçar o crime institucional).

Ao citá-lo, Collor reafirmava a autoimagem que sua persona política tentava construir para a posteridade: a de que, apesar de tudo, e no fim e ao cabo, ele foi um verdadeiro democrata que, em nenhum momento, segundo o seu discurso, deixou de respeitar “as solicitações dos parlamentares; encaminhou, através do Banco Central e da Receita Federal, toda a documentação solicitada; cumpriu as determinações legais, não coagiu o Supremo Tribunal Federal e respeitou a Constituição, isso tudo em meio ao maior bombardeio midiático da nossa História e tendo de conviver com uma acelerada tramitação da denúncia – e depois do processo – que criou obstáculos à plena defesa. Aceitou o afastamento e se preparou para a defesa no Senado. Perdeu. Buscou reparações na Justiça, defendeu-se em vários processos e acabou absolvido em todos eles – os que envolviam atos quando do exercício da Presidência da República”.

Na sua luta pela sobrevivência política, Collor tinha feito exatamente o oposto do que o PT fez naqueles últimos dias entre abril e maio de 2016 para garantir o seu posto de poder no Executivo, a qualquer custo – inclusive atrasar os trâmites do rito do processo tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado, acionando recursos jurídicos quase infinitos no Supremo Tribunal Federal ou então apelando a um parlamentar medíocre como o deputado Waldir Maranhão, então presidente interino da Câmara (posto no cargo depois que o polêmico Eduardo Cunha foi afastado por uma medida extraordinária do juiz do STF, Teori Zavascki) e que alegou que a decisão dos deputados não tinha mais validade porque vislumbrou vício no devido processo legal. A medida de Maranhão durara menos de vinte e quatro horas e depois soube-se que ele tinha feito aquilo a pedido do Advogado Geral da União, o petista histórico José Eduardo Cardoso, que insistia nessa tática para ver se conseguia “comprar algum tempo”. Foi a trapalhada da semana e, com isso, Maranhão passou a ter de administrar o caos da sua própria vida para evitar o retorno ao ostracismo em Brasília, de onde ele jamais deveria ter saído.

O discurso de Collor se aproximava do fim. A campanha soava pela segunda vez<sup>5</sup>. Aparentemente, não havia mais o que dizer. Mas não, havia sim, e ele arrematou sua fala com esta despedida:

*“Encerro, Sr. Presidente, dizendo: a História me reservou este momento. Devo vivê-lo no estrito cumprimento de um dever. Porém, inspiro-me no ensinamento de [Barão de] Holbach: ‘Tudo nos prova que a cada dia nossos costumes se abrandam, os espíritos se esclarecem e a razão conquista terreno’.*

*Muito obrigado, Sr. Presidente.”*

Desceu do púlpito com a mesma frieza e com a mesma altivez com que subiu. O Plenário do Senado nem sequer conseguiu aplaudir: apenas ficou num silêncio puro, cristalino, como se o ruído do tempo tivesse sido dissipado, e o que sobrara era a mensagem inequívoca de que, finalmente, depois de vinte e quatro anos, um círculo se fechara para todo o Brasil, mas principalmente para Fernando Collor de Mello e o Partido dos Trabalhadores, o início e o fim da Nova República, o círculo fechado daquela prisão perpétua que cada brasileiro estava sentindo na pele e que fazia de tudo para se libertar.

Às 7h03min da manhã do dia 12 de maio de 2016, o Senado Federal decidira pela admissibilidade do *impeachment* de Dilma Rousseff, com 54 votos a favor e 11 contra. Entre os defensores da suspensão do mandato da presidente, lá estava a decisão de Collor. E assim foi que, após duas décadas, ele finalmente se transformara naquilo que Renan Calheiros também fora quando este o denunciou pelo esquema de corrupção montado por Paulo César Farias em 1992: um traidor<sup>6</sup> do bem.

Agora era esperar a despedida (talvez provisória) de Dilma e a rápida posse (igualmente provisória) de Michel Temer, o vice-presidente que

---

5 Na verdade, a campanha soou apenas uma vez, quando restava um minuto para o término do tempo disponível.

6 Não reconheço o papel de “traidor” – qualquer que seja a acepção – a que alude o autor do ensaio. O meu próprio pronunciamento que ele analisa é autoexplicativo.

também é o comandante deste partido idiossincrático chamado PMDB – e suportar os longos 180 dias previstos para o julgamento da presidente que aconteceria no Senado, agora sob o comando do juiz do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski.

## **A gaiola dos intelectuais**

Para quem sabe separar o ruído do tempo da informação verdadeira que fala sobre o que está realmente acontecendo no Brasil, a citação feita por Fernando Collor ao trabalho de Marco Antonio Villa em seu discurso no Senado não foi aleatória. Ela simboliza nada mais nada menos o lento, mas sólido, choque de visões de mundo que ocorre no país – um choque que intensifica cada vez mais a sensação de que a incerteza parece ser a única constante. E, para muitos, isso não é nada bom – especialmente para quem faz parte da imprensa, da elite intelectual e da casta política.

No livro *A Era do Inconcebível*, o cientista político americano Joshua Cooper Ramo afirma claramente que um país que tenha uma elite ineficiente para entender a nova situação que surge diante dos olhos da sociedade, também se torna inviável para resolver qualquer crise que apareça – e pelo motivo mais simples: a sua incapacidade de entender que a mudança está no centro da vida de todos nós. Devido à busca pela permanência nas estruturas do poder e pela estabilidade que supostamente a política profissional deveria trazer às suas contas bancárias, essa mesma elite fica perplexa quando o improvável acontece – e passa a querer enganar a sociedade civil usando dos truques mais comuns da mídia, tal como a construção de narrativas paralelas e a disseminação da mentira pura e simples, tudo para continuar no topo da Segunda Realidade onde vivem. Até aí, podemos entender isso perfeitamente porque, afinal, é a regra do jogo. O problema é quando a própria imprensa e os meios culturais resolvem virar cúmplices desse mesmo sistema.

Desenvolvo esse mesmo raciocínio no texto “A Coroa Vazia”, publicado no *site [Senso Incomum](#)*.

É só ligar a TV, abrir o jornal, ir à internet e olhar brevemente a *timeline* do Facebook ou do Twitter para comprovar o contágio geral desta mo-

léstia de comportamento. Numa corrente de vícios que se retroalimenta constantemente, a elite brasileira, a que supostamente comanda o nosso país, dá ouvidos a uma outra elite, formada em sua maioria por intelectuais, jornalistas e artistas, que não consegue entender o ambiente de incerteza em que vivemos e, sem saber se isso é algo que pode ser mais uma vantagem do que um prejuízo, querem divulgar ao resto da população, tida como iletrada, que tal instabilidade seria negativa e que corromperia as “nossas instituições solidamente democráticas”.

Do outro lado, a imprensa resolve sufocar uma nova leva de um pensamento que vai contra a social-democracia obscurantista que domina as redações, as universidades e o mercado editorial. Se, da década de 1960 em diante, os brasileiros eram obrigados a aguentar sem reclamação o lançamento dos livros de Antonio Gramsci, Michel Foucault, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Susan Sontag, Marilena Chauí, José Arthue Giannotti, Renato Janine Ribeiro, Mario Sergio Cortella, Vladimir Safatle, e outros que fazem questão de serem os integrantes da grande nomenclatura esquerdista que impregnou uma visão de mundo falsamente progressista nas mentes dos estudantes, dos leitores e dos telespectadores – agora, desde a década de 1990, surgiu uma outra onda, a de um pensamento mais próximo de um conservadorismo britânico ou americano, incentivado pelas figuras do escritor Olavo de Carvalho, do jornalista Reinaldo Azevedo, dos colunistas da *Folha de S. Paulo* João Pereira Coutinho e Luiz Felipe Pondé, do já citado historiador Marco Antonio Villa, do polemista liberal Rodrigo Constantino, do cantor e compositor Lobão e, mais recentemente, do cientista político Bruno Garschagen.

Perto da casta progressista, os nomes acima são poucos, porém valentes. Infelizmente, mesmo tendo um inimigo em comum (o projeto totalitário do PT), às vezes um resolve brigar com o outro – como aconteceu recentemente entre Olavo de Carvalho e Reinaldo Azevedo –, alegando uma pureza nas intenções e nos diagnósticos que o futuro ainda mostrará quem tem ou não tem razão. Entretanto, o que surpreende os intelectuais de Esquerda é o fato de que essas publicações estão a ter um excelente apelo ao público, com números de venda muito expressivos, especialmente em um país onde a leitura não é muito valorizada. Os dois

fenômenos recentíssimos são os livros de Olavo de Carvalho, o volumoso. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota, com 150 mil exemplares vendidos, e o de Bruno Garschagen, o elegante. Pare de acreditar no governo, que vendeu cerca de 30 mil exemplares – um feito para um livro que trata exclusivamente de um assunto árido: política.

Além disso, soma-se o estrondoso sucesso do *blog* de Reinaldo Azevedo, hospedado no *site* da Revista *Veja*, a maior revista semanal do Brasil (com 5 milhões de visitas por mês, muito mais que a circulação da publicação-chefe, que fica em torno de 1,5 milhão de exemplares impressos) e do *site* jornalístico *O Antagonista*, feito pelo escritor Diogo Mainardi e os jornalistas Mario Sabino e Claudio Dantas, com 4 milhões de visitas mensais, e que faz um impecável trabalho de limpar o ruído das informações do governo petista lançadas na grande imprensa.

Esse ruído conta com a ajuda das MAV (Milícias para Ataques Virtuais), militantes pagos pelo PT para invadirem as redes sociais e plantarem informações falsas, junto com os chamados “blogs sujos”, que têm investimento estatal direto de empresas públicas como Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e até mesmo da já combatida Petrobras na publicidade dos seus veículos; e depois há a colaboração sutil e mais sofisticada das “agências de comunicação corporativa”, como a FSB Comunicação ou a Companhia da Notícia (CDN), que influenciam a pauta das redações com seus relacionamentos de influência (leia-se: *lobby*) entre os jornalistas e os donos dos jornais.

Neste embate de fatos e opiniões, o brasileiro comum não sabe quem está a falar a verdade e quem está a contar a mentira. A guerra política que ocorre em Brasília se reflete em uma guerra de palavras que, no fim, querem conquistar o coração de cada um. A persuasão não tem nada de racional: é puramente emocional, e finalmente ocorre aquilo na cultura brasileira que é a base de todo o sistema pós-totalitário descrito por Václav Havel: tudo se inverte, e o que antes era Direita agora é de Esquerda, e vice-versa, e o que era progresso se torna reação, e o reacionário de hoje será o revolucionário de amanhã.



Neste campo de batalha, agoniza o jornalismo brasileiro e, por sua vez, qualquer amostra de sanidade na discussão política que envolva alguma razoabilidade.

Um dos principais responsáveis por essa situação é o próprio jornalista, acostumado a discutir de forma abstrata assuntos que não possuem a mínima importância e a ficar petrificado naquela “zona de conforto” apelidada de “O Efeito Rolodex” – em que o homem de imprensa decide que não adianta mais ousar em qualquer coisa que faça na grande mídia, e então apela para os contatos mais habituais e seguros, os que não darão nenhum problema, todos marcados em um Rolodex já empenado e embolorado. Conseqüentemente, esses contactos terão lugar certo em cada edição do seu programa ou na apuração da sua reportagem, talvez com uma alteração de nome aqui, outra acolá, mas o suficiente para que contamine o debate cultural-político de tal maneira que a doença passe a ser vista como uma normalidade e o espectador, anestesiado e confuso, acredite que aquilo que escuta dos “luminares” ali presentes seja percebido como a verdadeira visão sobre o estado de coisas do país.

O uso excessivo do “Efeito Rolodex” na apuração de informações descritas na imprensa brasileira tem uma agravante: temos a suspeita de que não estamos mais assistindo a um programa de entrevistas, capaz de uma discussão frutífera, ou a uma reportagem que nos diz algo concreto sobre um determinado facto – e sim a uma ata de reunião feita por consultores corporativistas que, no melhor estilo “cada um por si, Deus por todos”, querem convencer o cidadão de que eles não têm uma “agenda oculta” quando isso, na verdade, está escarrado na nossa cara o tempo todo – em geral, para convencer os clientes da elite financeira de que são os sujeitos ideais a serem contratados, sem se importar se alguém assumirá o verdadeiro risco pelas ideias que proferem.

E não adianta nada o cidadão reclamar: se quiser alguma alteração na cabeça dos donos da imprensa, o Rolodex agirá novamente, com apenas uma rodada na agenda de contatos e mais uma mudança “cosmética” para disfarçar o fato de que a maioria da elite cultural está gravemente doente.

São tantos os exemplos que ocorrem no debate sobre os rumos do país que, se o leitor quiser fazer o teste para comprovar que este texto não está sendo malicioso, terá a impressão certa de que entrou no meio de uma cena criada por Eça de Queirós em *O Primo Basílio* e está a conviver, sem pedir nada para isso acontecer, com um batalhão de Conselheiros Acácios – representações do famoso personagem que dizia o “óbvio ululante” com a linguagem mais empolada possível.

Nesta lista que parece estender-se ao infinito, temos desde William Wack e Renata Lo Prete, âncoras do programa de debates *Painel*, exibido pelo canal de assinatura a cabo GloboNews, passando por seus convidados frequentes, como Fernando Schüller, diretor do Insper (uma das faculdades mais prestigiadas do Brasil) e fundador do ciclo de eventos “Fronteiras do Pensamento”, que consegue a proeza de pasteurizar gigantes da Literatura como Mario Vargas Llosa e John Gray cada vez que esses aterram por aqui. Apesar de se vender como um intelectual antipetista, Schüller parece querer competir com o professor de Geopolítica e colunista da *Folha de S.Paulo*, Demétrio Magnoli, o título de “desinformante do ano”, talvez da década, ao confundir os incautos com sua defesa da “democracia” e do “pluralismo” quando, na verdade, acentua (ou revela) ainda mais a pusilanimidade da elite intelectual em relação à permanência da Nova República no poder.

Há também um outro professor do Insper, o *soi disant* cientista político Carlos Melo, que poderia ser também apelidado de “O Senhor dos Anéis” pois, sempre no meio de qualquer programa de TV em que esteja presente, diz pérolas de sabedoria como “se [a situação política] piorar, piorará para a gente; se melhorar, será melhor para a gente”, enquanto nos obriga a ouvir o choque dos três adornos de metal que cobrem seus dedos no exato momento em que ele inicia um raciocínio em que fica nítido que mal consegue articular um “urubu, meu louro”. Nesta mesma lista, não podíamos nos esquecer, é claro, de Salem Nasser, professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, praticamente um garoto-propaganda não oficial da causa palestina e que, protegido pela carapuça acadêmica, fala as maiores barbaridades contra Israel e sobre a situação do Oriente Médio. E, para terminar (se

não achaste tudo isso suficiente), o que dizer do indecifrável Celso de Barros, sempre promovido por Renata Lo Prete toda vez que ela substituiu William Waack no programa *Painel*, e que brinca de ser cientista político, pois acredita que, por ter escrito há priscas eras em um *blog* batizado justamente daquilo que fazia quando discorria sobre a situação política nacional – “NPTO (Na Prática, a Teoria é Outra)” –, pode fazer o mesmo quando brinca de Erasmo de Roterdã na televisão nacional?

Aparentemente, cada um desses “iluminados” (entre tantos outros) teria uma postura “crítica” a respeito do governo do Partido dos Trabalhadores, mas, na verdade, eles colaboram para uma visão extremamente limitada da política, semelhante a de um “cavalo de jockey” numa corrida alucinada, em que não conseguem perceber que o atual momento histórico é algo que só pode ser compreendido adequadamente se tiverem a certeza de que as suas narrativas não passam de castelos de areia diante da realidade imprevisível.

Essa limitação epistemológica é intensificada pela moléstia do “Efeito Rolodex”, que, em seu amálgama perfeito, passa a ser carinhosamente apelidada em outras bandas de “Como Discutir o Sexo dos Anjos”. Infelizmente, a imprensa inteira – exceto as honrosas exceções já mencionadas – está amarrada nessa moléstia e, para disfarçar que estão doentes, lançam então de um paradoxo inigualável: para cada participante do *Painel*, para cada escriba que cospe a sua opinião na página 3 da *Folha de S.Paulo* ou na coluna do editorial do *Estado* e de *O Globo*, esses sujeitos martelam sem parar que a resolução do problema do país passa pela renovação do debate público. Contudo, como fazer isso se esses Conselheiros Acácios não só insistem em recetar um remédio que, justamente por estar fora da validade, pode matar definitivamente o corpo doente do país, como também fazem de tudo para bloquear as vias que poderiam renovar a elite intelectual, permitindo que os novos talentos que surgiram contra a onda social-democrata obscurantista consigam se estabelecer (e, mais, sobreviverem financeiramente) nas redações, nas universidades e nas editoras – e assim frutificarem as suas vocações?

Na verdade, o que acontece é justamente o contrário. Para cada Conselheiro Acácio que usa a imprensa como sua tribuna, a solução para manter a “estabilidade democrática” seria a da recusa da incerteza, esse monstro de sete cabeças, como algo benéfico e que passa a ser visto como um elemento negativo, talvez potencialmente destruidor. Portanto, o que eles querem é que cada um permaneça na sua gaiola – e não perturbe o *status quo* arduamente conquistado. Mas isto é mais uma desculpa para enganar os incautos: os Acácios que nos rodeiam apegam-se à retórica do vai contra o “óbvio uluante”, simplesmente para fugir do risco de colocar a sua honra pessoal em jogo e manter, a qualquer custo, a “coroa vazia” da grande mídia que os abriga.

## O Monte de Areia

E aqui chegou a hora de parafrasear o personagem Marco Antônio na peça *Júlio César*, de Shakespeare: lamento informar-lhes de que o artifício não dará certo, nobres cidadãos romanos, mesmo que vocês nos emprestem os seus ouvidos para nos atender.

Em *A Era do Inconcebível*, Joshua Cooper Ramo insiste em refletir sobre a instabilidade que nos governa ao falar do Efeito Monte de Areia (The Sandpile Effect). Para ele, as coisas estão tão interligadas no nosso mundo caótico e imprevisível que um determinado sistema fechado, por acreditar ser autossuficiente, jamais saberá quando começa o seu colapso, que pode ser igual a um pequeno grão de areia e fazer toda a estrutura construída desabar em um piscar de olhos.

O jornalismo brasileiro está no ponto exato de se tornar mais uma vítima do Efeito do Monte de Areia, de tanto acreditar na eficácia do Efeito Rolodex. Pouco a pouco, de maneira imperceptível para quem faz parte do esquema, mas não quem para quem está fora dele, o jornalismo mostra sua completa irrelevância sobre as informações que divulga e sobre as tendências que deveria iniciar. O único problema é que, para perceber que o monte de areia começou a se desfazer, isso demora vários anos – e, nesse meio tempo, o cidadão é obrigado a respirar este miasma infecto de ruído e de discussões estéreis.

Entretanto, os números não mentem: em menos de doze meses, a circulação dos jornais impressos nos grandes centros urbanos caiu de forma assustadora, conforme aponta o quadro abaixo do IVC (Instituto Verificador de Circulação):

Com os dados acima, fica nítido que os “luminares” da imprensa ainda não perceberam que, seja na *Folha de S.Paulo*, no jornal *O Globo*, ou em *O Estado de S. Paulo*, antes eram eles que ditavam a moda; agora são as redes sociais que determinam o que deve ser seguido – e quando falamos em “redes sociais”, entenda-se o público, composto tanto por seres letrados quanto também pelo sujeito iletrado que não sabe coordenar sujeito com predicado, mas ainda tem a sabedoria prática para distinguir o que é verdade e o que é pura besteira.

É claro que essa vertente não significa necessariamente uma boa ideia. No livro *The Net Delusion*, o bielorusso Evgeny Morozov mostra que a dependência de um regime democrático para a troca de fatos e informações nas redes sociais não é prova de que a liberdade prevalecerá, mas sim que pode acontecer justamente o seu contrário – ou seja, a criação de uma nova tirania, talvez a “tirania da maioria” profetizada por Alexis de Tocqueville no seu *A Democracia na América*. Provavelmente, num futuro próximo, a “coroa vazia” da grande mídia seja substituída pela “babel” do Facebook para manter o corpo doente de um sistema de governo que não tem mais representação popular, exceto pelos militantes virtuais do Partido dos Trabalhadores ou qualquer outra facção que tenha o estômago para pagar suas contas.

Enfim, junto com a transformação política que acontece com o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, o que também testemunhamos é um Efeito Monte de Areia sobreposto a outro, somada à artificialidade do “Como Discutir o Sexo dos Anjos”, cuja intenção primeira é querer impedir que percebam a novidade de um mundo que já atinge a todos nós, desde os atentados de 11 de setembro de 2001, passando pela crise financeira de 2008 – e sem prazo para acabar, com a expansão islâmica na consciência ocidental, especificamente a europeia, acentuada pelo surgimento aterrorizante do Estado Islâmico.

O “circulo dos sábios” da imprensa e da política brasileira ainda não percebeu que as pessoas deste “novo mundo” pensam de maneira assimétrica, assistemática e pouco se importam se querem preservar aquilo que a tal “estabilidade democrática” sempre garantiu.

Joshua Cooper Ramo acentua bem esta transformação de paradigma mental ao afirmar que “infelizmente, seja liderando grandes corporações, ministérios em países estrangeiros ou bancos centrais, algumas das melhores mentes do nosso tempo ainda insistem em ver e pensar o mundo de um modo antiquado. Eles fazem repetidos erros de julgamento sobre o planeta. É difícil não culpá-los. Em sua maioria, eles cresceram numa época em que a ordem global podia ser entendida em termos simples, no qual apenas as nações realmente eram importantes, quando podia-se pensar que havia uma relação previsível entre o que você queria e o que tinha. Eles vieram de uma época como parte de um tradição que acreditava que todas as crises internacionais tinham inícios e, se fossem bem administradas, fins. Partilhavam uma visão de fundo na qual a expansão do capitalismo era algo bom e inevitável, em que a democracia e a tecnologia produziam um crescimento na estabilidade em geral. Tal visão representa um consenso das elites, a melhor sabedoria convencional dos nossos dias, e é encontrada em qualquer lugar, desde dos cômodos de Genebra aos corredores de Whitehall, passando pelas salas de guerra de Washington. Essas ideias falharam nos dois testes da boa Ciência: elas sequer previram, nem explicaram o que acontecia no mundo. Mas muitos dos nossos líderes são incapazes de confrontar esse descolamento. Faltam-lhes a linguagem, a criatividade e o espírito revolucionário que o nosso momento exige. Em muitos casos, eles deixaram-se corromper pelo poder, pela posição social e pelo prestígio. Por outras palavras, deixamos o nosso futuro nas mãos de pessoas cuja única característica é que eles estão a ser surpreendidos pelo presente”.

As pessoas que se encontram atualmente no comando da política brasileira padecem do mesmo mal, seja sob as legendas do PT, do PMDB ou do PSDB. Elas não conseguem entender que, além da realidade ser impossível de ser administrada, surgiu um grupo de pessoas que, independentemente de serem petistas ou antipetistas, da Direita ou da

Esquerda, católicos ou muçulmanos, republicanos ou democratas, russos ou americanos, o que mais desejam é o mesmo que o grande pensador Alfred Pennyworth disse a seu mestre Bruce Wayne no filme “Batman – O Cavaleiro das Trevas” (2008), de Christopher Nolan: “Alguns homens só querem ver o mundo pegar fogo”.

## **A administração da catástrofe**

O problema é que, nesse meio tempo, o Brasil já está em pleno incêndio – e a cada instante que passa, aumenta-se a sensação de que estamos a viver naquilo que os economistas chamam de “a década perdida”.

O patrimonialismo revolucionário do PT não viu nenhum limite ou sequer pensou em ter alguma prudência a respeito das contas públicas e do modo como gerenciar o Estado. A maior prova dessa atitude foi a hubris que o partido provocou em relação ao colapso econômico que se avizinha. As previsões a respeito do futuro, em termos de números, não são muito animadoras para os especuladores e os investidores. É sempre bom repetir o diagnóstico preciso feito por Bruno Garschagen, no seu artigo publicado pelo *Observador*, no qual mostra que o projeto de igualdade social concebido pelo PT transformou-se na mais nova distopia do século XXI: “A crise política brasileira é o resultado daquele que talvez seja o mais desastroso governo da História do país. O país regista sete trimestres consecutivos de redução do PIB, a pior marca desde que o índice começou a ser calculado em 1947. De 2014 até o fim de 2016, a projeção é de queda acumulada de 8,7%. E a taxa de desemprego está em 8,5%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”. [Acessado no dia 20 de março de 2016. Quase dois meses depois deste artigo de Garschagen, o índice de desemprego já está em torno de 10%]

São projeções alarmantes. Todavia, o PT apenas se aproveitou de uma característica fundamental da estrutura do Estado brasileiro e a levou adiante, sempre com a desculpa de que queria acabar com a miséria, quando, na verdade, continuava sem pestanejar com a sua intenção de aparelhar a burocracia a seu favor. E esta característica é nada mais nada

menos que a fragilidade inerente ao nosso mecanismo estatal – que foi sedimentado por anos e anos graças a uma mentalidade intervencionista.

Esta fragilidade afeta todos os setores da vida social, a princípio de maneira imperceptível, e depois prejudica o cotidiano da população de tal forma que é necessário um ato extremo disfarçado de “instituto jurídico” (como o *impeachment* ou a renúncia da pessoa que ocupa o cargo mais alto da nação) para que o quadro não piore e transforme-se enfim numa crise social de proporções extremas.

Usamos aqui o termo fragilidade no sentido proposto por Nassim Nicholas Taleb, em que temos uma situação sempre adversa a um estado de desordem. Ou seja, quando qualquer instituição frágil é incapaz de tirar vantagem de um ambiente de incerteza e confusão – e, por incerteza, queremos dizer que se trata de uma situação de extrema volatilidade, no qual qualquer previsão sobre os próximos acontecimentos se torna opaca e incapaz de ser classificada em uma categoria teórica. Dessa forma, a instituição fica exposta a eventos imprevisíveis e mostra-se incapaz de reinventar-se, dominada pelos caprichos do acaso, sobretudo em situações de alta volatilidade.

#### *Mais informação*

*Ver: Taleb, Nassim Nicholas. “Antifrágil: coisas que se beneficiam com o caos”. Rio de Janeiro: Best Business, 2014; ver também, do mesmo autor, “The calm before the storm”, publicado na revista Foreign Affairs em janeiro de 2015, disponível no seguinte [link](#). Acessado no dia 4 de fevereiro de 2016. Desenvolvo este tema com mais cuidado, em relação ao Brasil atual, no paper “O Colapso Inevitável”, escrito em conjunto com o Prof. Dr. em Direito Constitucional André Luiz Costa Corrêa e publicado em sua primeira versão pública no dia 18 de março de 2016:*

*Os cinco critérios utilizados para caracterizar um país como “frágil” são os seguintes: (1) Um sistema de go-*



*verno extremamente centralizado (decisões arbitrárias que surgem de cima para baixo, ou seja, do centro do poder instituído para a sociedade civil, sem autêntica representação); (2) Uma economia incapaz de sustentar a diversidade de opções no mercado (intervencionismo exagerado); (3) Dívida pública excessiva (alto custo com políticas públicas e programas sociais, sem evidente retorno para o cidadão); (4) Ausência de alternância política (a visão de que qualquer crítico contra o governo é visto como um “inimigo”, não como um “adversário”); e (5) Um registo histórico de não suportar (ou absorver apenas precariamente) choques súbitos em suas estruturas políticas (acentuado pela incapacidade de promover reformas estruturais profundas e não apenas reformas superficiais).*

O Brasil atende exatamente a todos esses cinco pontos de fragilidade, por mais que a nossa elite intelectual, política e financeira o negue – especialmente a comitiva petista. Todos os itens acima resumem-se numa única atitude perigosa – encontrada com facilidade na maioria dos brasileiros que tentam comandar os labirintos do poder: o Estado não suporta nenhuma espécie de variação súbita, nenhuma amostra de estresse, nenhum prenúncio de caos. Poucos conseguiriam tirar vantagem de um evento aleatório, caindo na perigosa ilusão de que um país constrói-se com paz e estabilidade quando, na verdade, isso o torna cada vez mais propenso a traumas. Por isso, a resposta fundamental de qualquer político nesses momentos é saber como aceitar a incerteza.

Neste aspecto, são igualmente falhos e incompletos tanto os projetos de governo do PT no comando do Estado quanto os projetos da oposição que tem a pretensão de ocupá-lo, em especial o plano “Uma ponte para o futuro”, promovido pelo partido do presidente em exercício Michel Temer, o PMDB. Ambos rumam – de mãos dadas com a nossa economia – ao colapso inevitável justamente porque não querem perceber a fragilidade em que estão envolvidos.

Esta cegueira voluntária tem um nome: “arrogância epistêmica” – e é um filhote da estupidez criminosa sobre a qual falamos no ensaio “O Gigante Invertebrado” [Ver a parte intitulada “Anatomia da estupidez”]. Tanto os membros do patrimonialismo tecnocrático quanto do revolucionário não querem perceber que, ao analisar a situação atual do Estado brasileiro somente em termos técnicos ou ideológicos, não conseguem ter imaginação suficiente para vê-lo como um “sistema complexo”, repleto de conexões surpreendentes e que se mostra ao dia a dia da população como algo interdependente – a provar que não estamos mais naquele domínio da realidade que acreditamos ser “normal” e sim numa área cinzenta e perigosa que não hesitaríamos em chamar de “extraordinária”.

Estamos aqui nos domínios contrastantes (e paradoxalmente complementares) do Mediocristão e do Extremistão (termos que também tomamos emprestados da obra de Taleb). O primeiro é onde todos nós vivemos e onde podemos fazer nossas previsões, e pouco importa se errarmos, porque o erro terá consequências mínimas na sociedade (por exemplo: um acidente de trânsito na rua da sua casa decerto não iniciará um colapso no tráfego de uma metrópole). Já o Extremistão é o domínio dos grandes sistemas complexos e interdependentes (como é o caso do Estado brasileiro), onde é impossível ter uma previsão exata, pois qualquer fato improvável terá um enorme impacto no tecido da sociedade (é só ver o que acontece com o uso excessivo de energia elétrica num dia de calor intenso no verão, que causará uma pane no sistema energético e certamente iniciará um blecaute numa cidade).

#### *Mais informação*

*Taleb, Nassim Nicholas. “The Black Swan: The impact of the highly improbable”. London: Penguin, 2007/2010, p. 213-27. Ver também o meu artigo, “A importância de ser um flaneur: uma introdução ao pensamento de Nassim Nicholas Taleb”. In: Mises: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia. São Paulo: IMB, 2016 (no prelo).*

A falta de uma percepção aguçada sobre esses dois tipos de domínios, camuflada por disfarces retóricos de que o Brasil não é um país com

uma administração extremamente centralizada, é nada mais nada menos que um novo fingimento. Juristas, economistas, cientistas políticos e jornalistas tentam convencer-se (e, por sua vez, convencer o restante da sociedade) de que o Brasil é uma nação “levemente” centralizada em seu sistema de governo (ao comparar, por exemplo, a outros países dos BRIC, como a China e a Rússia, ou até mesmo da América Latina, como a Venezuela), mas, ainda assim é evidente que, no cotidiano da sociedade civil, as coisas não se passam dessa maneira.

Basta o leitor português perguntar a qualquer brasileiro: este se sente completamente encurralado quando tem de pagar uma única conta, principalmente a que envolva necessidades fundamentais para si mesmo e para sua família – como saúde, alimentação, habitação e educação. Além disso, existem os custos adicionais de lazer, transporte e segurança, que parecem existir, sobretudo, para acrescentar algum imposto na carga tributária (que chega a absurdos 38%). Tal “extorsão branca” impossibilita que o cidadão faça um investimento estável no aprimoramento de sua personalidade, em especial naquilo que uma sociedade saudável chama de “ócio”, mas que, na verdade, é o momento que o sujeito tem (ou se permite ter) para pensar sobre a própria existência.

Além disso, a prática política demonstra que as relações governamentais locais e regionais não conseguem afastar-se da dinâmica e da imposição de leis que são sempre decididas “de cima para baixo”. Seja porque o imbricado sistema de competências normativas na Constituição promulgada em 1988 faz com que se verifique uma constante inter-relação entre os polos de poder, seja porque a dependência econômica dos Estados e Municípios faz com que as ações políticas desses sejam direcionadas pelo Governo Federal, tal relação fica em evidência pela concentração das receitas tributárias na União brasileira, a reforçar assim a decisão centrífuga da política nacional.

Portanto, o argumento da “estabilidade” das instituições democráticas não convence quem vive no Brasil atual porque elas também estão contaminadas pela fragilidade do Estado, justamente por encontrarem-se

no domínio do Extremistão, no qual a dependência de um setor está relacionada à outra.

Consequentemente, a incapacidade de manter uma segurança mínima quanto à sobrevivência da vida de um cidadão prova também que estamos em uma “crise de hierarquia” (crisis of Degree) — [*Tomo emprestado este termo, com muita liberdade conceitual, de René Girard, em seu livro Shakespeare: Teatro da Inveja. Trad. Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 309-20.*], na qual a sociedade não consegue mais se espelhar na elite que deveria liderá-la.

O brasileiro sente que a sua honra pessoal está em jogo quando o Estado falido não admite para si mesmo o seu colapso e, por meio dos seus funcionários e acólitos, transfere o risco para a população com impostos, taxas e outros “tarifaços”; a economia desagrega-se a olhos vistos no bolso de qualquer trabalhador, independente de classe social (exceto, é claro, aqueles que estão perto do epicentro do poder); o governo está perdido e não sabe o que fazer para manter o mínimo de ordem institucional; e há um clima de insatisfação crescente que, se não for devidamente canalizada, pode descambar em violência, uma vez que sempre se buscam experiências catárticas, como foram as passeatas ou as manifestações de massa que ocorreram entre julho de 2013 a março de 2016.

## **O risco do bordado**

A maior prova de que a cegueira da “arrogância epistêmica” na elite política, junto com a incapacidade da imprensa de se livrar dos vícios do “Efeito Rolodex”, pode contribuir para o fim do Brasil tal como o conhecemos está no modo como o “círculo dos sábios” decidiu analisar um político que, naquela mesma longa noite adentro em que Fernando Collor discursava no Senado Federal, era batizado às margens do rio Jordão, na cidade de Jerusalém – e que tem o nome deveras apropriado de Jair Messias Bolsonaro.

Ele parece ter saído das páginas dos romances do escritor carioca Lima Barreto, uma variação atualizada e mais bem sucedida do personagem-

título do livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) — [Se o leitor quiser saber o que penso sobre o personagem de Policarpo Quaresma – e que vai contra todos os clichês de que ele seria uma espécie de “Dom Quixote” da literatura brasileira – sugiro que vá às páginas do meu livro *A Poeira da Glória, em especial p. 131-133*]. Assim como Quaresma, foi um militar com uma formação extremamente sofisticada para uma casta que é considerada como “primitiva” pelos jornalistas de plantão: estudou na Escola Preparatória de Cadetes do Exército e, em seguida, a Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende (RJ). Tinha ímpetos de rebeldia e insubordinação; foi um dos soldados que defendiam o aumento do soldo militar, chegando ao ponto de, supostamente, planejar um atentado a bomba nos banheiros da Vila Militar das Agulhas Negras. O caso foi ao Supremo Tribunal Militar, mas Bolsonaro foi absolvido e jamais foi provado o seu envolvimento no caso.

Sua orientação ideológica sempre foi uma retórica patriótica, com tintas sentimentais (chegando ao *kitsch*) de um nacionalismo que colocava o amor ao Brasil diante de tudo o que poderia acontecer de ruim ao governo. É assim que podemos explicar, por exemplo, o facto de que, já deputado federal pelo PPR (Partido Progressista Renovador, atual PP – Partido Progressista) com 112.000 votos no Rio de Janeiro, ele aliou-se às centrais sindicais que atuavam como linhas auxiliares do PT na época das privatizações feitas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, pedindo a reforma do Estado e até mesmo, em um caso extremo, o fuzilamento do próprio presidente.

Esses arroubos de fala são típicos da persona histriônica que Bolsonaro construiu meticulosamente com seu eleitorado – e foi o que possibilitou uma ascensão lenta e madura nos labirintos do poder em Brasília. Ele conquista seus eleitores justamente pelo fato de que não tem qualquer fingimento ou dissimulação. Diz o que pensa, custe o que custar. Seus filhos, Eduardo (deputado federal em São Paulo), Carlos (vereador no Rio de Janeiro) e Flávio (deputado estadual no Rio e provável candidato à prefeitura da capital fluminense) foram pelo mesmo caminho e construíram com o pai uma espécie de dinastia política que atormenta as cabeças dos parlamentares que se aliam às causas consideradas “politicamente

corretas”. Bolsonaro não só adora uma polêmica, como também faz questão de criá-las: afirmou sem pudor que é contra a politização dos relacionamentos homossexuais, feita pelos grupos LBGT [Lésbicas, Gays e Transgêneros] (ao mesmo tempo em que era admirado por vários ativistas da causa, como o falecido estilista e deputado Clodovil); defendeu a tortura como algo válido na época da Ditadura Militar; e disse que a pena de morte ainda tinha suas vantagens.

O ruído de informações sobre Jair Bolsonaro chega ao ponto da alucinação, de tal forma que ninguém mais sabe separar, na grande imprensa, o que é verdade e o que é mentira. Para filtrar tudo isso, sugiro a visita ao *site*.

Por tudo isso – e muito mais – Bolsonaro acentua sua semelhança com Policarpo Quaresma pelo modo sincero de exprimir suas crenças, às vezes nos momentos mais inapropriados. Foi o que aconteceu na sessão da Câmara dos Deputados no último dia 17 de maio, quando o Plenário decidia voto a voto pela admissão do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, e então Jair Messias resolveu dizer o seguinte:

*“Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de [Duque de] Caxias, pelas Forças Armadas, o meu voto é sim.”*

Para os eleitores de Bolsonaro, aquilo foi um exemplo de coragem; já para a turma do “politicamente correto”, aquilo foi um insulto gravíssimo, o que fez o deputado Jean Willys (do PSOL – Partido Socialismo e Liberdade), reconhecido ativista homossexual, cuspir na sua cara sem nenhuma cerimônia e sem nenhum pudor de estar em pleno Parlamento logo após proferir o seu voto. Uma atitude perfeitamente compreensível, em especial para quem se orgulha fazer parte da Esquerda; afinal, a ideologia socialista inculcou na população que a criação de guerrilhas terroristas era mais uma amostra de heroísmo e que, desde 1964, quando ocorreu o chamado Golpe Militar, todos viveram sob uma Idade das Trevas que somente a Nova República conseguiu dissipar, principalmente graças à égide do PT, composto por sujeitos íntegros, todos marcados pelas cic-

trizes da tortura (e não foi à toa que Dilma Rousseff usou e abusou desse recurso retórico para chegar ao Palácio do Planalto). Ao homenagear o coronel Brilhante Ustra, como se não estivesse dando a mínima para quem fosse ficar irritado com aquilo, Bolsonaro desmontava a narrativa da Esquerda brasileira em um piscar de olhos.

Sua fala naquele instante pode ser vista de duas maneiras: ou como uma oportunidade perdida; ou como a prova cabal de que ele é um Mestre da Persuasão, como diria Scott Adams. Se atentarmos para o fato de que, ao citar Ustra (um coronel reconhecido pela imprensa progressista por ser um “notório torturador” na época da Ditadura Militar), Bolsonaro conseguiu o que queria – nada mais nada menos que irritar Dilma Rousseff –, então temos de prestar atenção no que aconteceu e perceber que estamos diante de um fenômeno que está muito além dos nossos habituais conceitos de análise.

A verdade é que, por mais que Jair Bolsonaro agrida o suposto bom gosto e a hipocrisia travestida de bom mocismo dos intelectuais, dos políticos e dos jornalistas brasileiros, ele começa a representar um fato que ninguém quer ver: a sua autenticidade pode ser uma amostra da sua loucura, mas trata-se de uma loucura com método – e um método que está a dar resultados significativos, colocando-o no páreo para a corrida presidencial de 2018, com incríveis 8% de intenção de voto, segundo a última pesquisa DataFolha, atrás apenas dos eternos favoritos Lula, Aécio Neves e Marina Silva – o que significa que ele talvez tenha condições de ampliar essa vantagem.

Por isso o seu batismo às margens do rio Jordão, em Jerusalém, enquanto o país decidia no Senado a suspensão do mandato de Dilma Rousseff, tem um aspecto simbólico que não pode ser menosprezado. Segundo o advogado Renan Barbosa, este gesto representa não só o aumento considerável da religião evangélica no Poder Legislativo (o que, segundo a elite progressista, seria o mesmo que aceitar uma teocracia no comando do país), mas também a gradual entrada dos evangélicos (com quem Bolsonaro é também erroneamente identificado, apesar de se declarar como “católico”), em que “o batismo de Bolsonaro em Israel talvez não

seja senão o ensaio da tomada do Poder Executivo. Não é segredo que Bolsonaro aparece com alguma força em pesquisas. Apesar de ainda não ser viável como presidenciável em 2018, as mesmas pesquisas indicam que o recém-converso tem mais apoio nas camadas mais educadas e ricas da sociedade, que são, justamente, aquelas com mais meios de espalhar ideias e criar imaginário social. A depender do sucesso ou fracasso do governo Temer, dos rumos do processo de *impeachment*, e de quanto as elites tradicionais saberão repactuar o país, o ciclo de emergência do poder evangélico no Brasil pode completar-se bem cedo.

Dessa maneira, a tese de que o surgimento de Bolsonaro se deve a um “vácuo político” de uma oposição que não conseguiu se contrapor ao projeto de poder do PT não passa de uma grande falácia. Bolsonaro não precisa de nenhum vácuo para se afirmar a um eleitorado cada vez mais crescente. Ele se tornou a única oposição que resta. O sucesso de suas declarações polêmicas apenas mostra a sua representatividade num Brasil que, como o resto do mundo, decidiu pela demissão sumária do *establishment* político, cultural e intelectual, principalmente após a grande manifestação que ocorreu no dia 13 de março de 2016. [*Vejam a cara de cada um dos jornalistas presentes neste programa de TV e saberão o que é o pavor provocado por Bolsonaro na cara de cada um.*]

Eis então que surge o risco que nos orienta no confuso bordado da sociedade brasileira: um personagem político como Bolsonaro é o indício de que o cidadão não suporta mais quem não coloca a sua honra pessoal em jogo e quem se apresenta também como um burocrata do pensamento, bancado pelos políticos profissionais de Brasília. Pode se falar o que quiser dele, mas tudo leva a crer que Bolsonaro é alguém que tem a intrepidez de assumir o que diz, sem se importar com as consequências para o seu próprio mandato parlamentar. É isto o que cativa as pessoas que estão interessadas em sua eleição para um cargo no Executivo: não queremos mais estabilidade, isso o PT e o PSDB já nos deram e não adiantou nada, é o que parecem dizer. Queremos alguma mudança – mesmo que seja às custas de uma modernidade fajuta que nunca teve muita eficácia neste país.



Jair Bolsonaro é o símbolo de um momento histórico em que o brasileiro começa a aceitar o fato de que a natureza humana despreza tranquilidade e quer, antes de tudo, alguma espécie de risco para confrontar-se com a incerteza que se aproxima e que foi solidamente ocultada pela fragilidade do nosso “Estado Democrático de Direito”. Ele vai radicalmente contra tudo aquilo que Nassim Nicholas Taleb descreve como “uma dependência das narrativas, uma intelectualização das ações e dos empreendimentos. As empresas e os funcionários públicos – até mesmo os funcionários das grandes corporações [e aqui incluímos nessa categoria a política brasileira em sua maioria] – só podem fazer aquilo que parece encaixar-se em alguma narrativa, ao contrário de empresas que podem apenas perseguir os lucros, com ou sem uma bela história”.

Será que o fim da era petista também marcou o fim da política que dependia dessas narrativas para cristalizar um jornalismo pretensamente intelectualizado, mas que, na verdade, servia apenas a propósitos ideológicos, incapaz de ver o brasileiro como um ser autêntico em busca de uma solução para um problema moral? Responder positivamente a essa pergunta seria também incorrer no erro de se apoiar a uma outra narrativa. E o ponto todo é justamente isto: depois da queda de Dilma Rousseff, nenhum ator político conseguirá mais controlar ou criar qualquer narrativa que se encaixe à sua frágil sensibilidade, simplesmente porque todos nós entramos, sem nenhum aviso, na era do Extremistão. E talvez o que mais perturba o “círculo dos sábios” nacional seja a evidência traumática de que Jair Bolsonaro é justamente o político que antecipa essa escalada imprevisível.

## **A escalada dos extremos**

Obviamente, não é este o caso de Michel Temer, o presidente interino da República e também o líder do partido que se confunde com o próprio *establishment* brasileiro: o PMDB. Conhecido pela sua sobriedade, pela sua elegância e, sobretudo, pela sua habilidade de negociação que o assemelha a uma raposa, Temer é filho de libaneses que vieram ao Brasil e conseguiram vencer na vida (e consta que é primo de ninguém menos que Nassim Nicholas Taleb). É um homem que estudou o Direito a fundo, sendo reconhecido por alguns como um grande constitucio-

nalista, mas é capaz de escrever poemas sofríveis, como os que foram coletados no volume “Anónima Intimidade” – e que tem os seguintes versos, talvez proféticos: “Ando à procura de mim./ Só encontro outros que, em mim,/ Ocuparam o meu lugar”.

Contudo, se parafrasearmos Auden, escrever mal não perdoa ninguém, principalmente se decides levar uma vida medíocre. Não parece ser este o caso de Temer. Apesar da sua discricção no modo como conduz a política, ainda assim ele sabe reconhecer quando o destino o chama para exercer uma missão – como aconteceu no início da sua trajetória, em 1984, em que o então governador de São Paulo, Franco Montoro, o nomeou para ser Secretário de Segurança do Estado. Ele conta que, na época da indicação, estava muito inseguro, e não sabia se isso seria bom para a sua carreira. “‘Eu não conhecia nada, não tinha contatos’, contou. ‘O clima estava pesado, com crise entre as polícias civil e militar’. Pensava em desistir quando, num fim de semana, viu na televisão uma entrevista de Gianfrancesco Guarnieri, secretário municipal de Cultura. O ator explicava como se adaptara ao terno e à gravata. Guarnieri falou: ‘A vida é uma representação e você tem que representar o papel que a vida te entrega’, contou Temer. ‘Aí eu pensei: a vida me deu o papel de secretário de Segurança. Se renunciar agora, o governo Montoro pode cair e eu me destruo’”.

Talvez esta percepção de que a vida é uma *performance* que não está sob o seu controle seja o que pode tirar Michel Temer da enrascada em que se envolveu. Não só a situação econômica do país está um caos, como também a situação jurídica do seu ministério não está nada boa, uma vez que ele tem dois ministros – Henrique Alves (Turismo) e Romero Jucá (Desenvolvimento) – sob investigação na Operação Lava Jato. Para completar, é garantido que Temer sofrerá a pior das oposições que qualquer governante pode ter – a oposição petista que, mesmo enfraquecida porque foi alijada do poder oficial, ainda tem grande influência nas universidades, nos sindicatos, no mercado editorial e, em especial, na grande imprensa. A sua vida pessoal e pública já começou a ser escrutinada sem piedade: desde o seu casamento com a jovem e esplendorosa Marcela (com quem tem 42 anos de diferença), passando

pela sua deficiência infantil com a matemática, até o factóide ridículo que tentaram armar ao rebaixar o seu ministério porque não admitia a “pluralidade” e evitou a nomeação de mulheres e negros. Se depender dos jornalistas míopes e ideológicos que abundam no Brasil, eles transformarão o seu governo num verdadeiro inferno.

Neste ponto, a astúcia política não basta. É muito provável que, infelizmente, Temer faça parte daquela mesma elite denunciada por Joshua Cooper Ramo, incapaz de sentir a mudança de mentalidade ocorrida nos últimos anos. Isso significa que, para a nossa infelicidade, ele é também incapaz de decidir no domínio do Extremistão – o que ficou comprovado ao nomear ninguém menos que Henrique Meirelles para o Ministério da Fazenda, o mesmo homem que, em 2008, sob o comando de Lula enquanto era presidente do Banco Central, ajudou a implementar a mesma diretriz desenvolvimentista econômica que agora colocou o país de joelhos.

Este é o problema principal do governo Temer: o presidente interino tem de perceber que, se não agir rapidamente, como se estivesse em um mundo onde a escalada dos extremos é a única constante, em breve será mais uma vítima do ruído do tempo. Sem dúvida, trata-se de um alento quando ouvimos, como foi em seu primeiro pronunciamento, um discurso que articule a língua portuguesa corretamente (inclusive com o uso perfeito da mesóclise no meio de uma simples frase) e que promova a união do país como orientação a ser seguida – justamente o contrário do que fazia Dilma Rousseff, que estuprava a lógica e o Português, além de incitar o ódio ideológico sem pestanejar. Mas seria isso o suficiente? Ter um ministério de políticos profissionais não significa mais ter a certeza da competência, mesmo em tempos difíceis; significa, antes de tudo, que Temer não consegue mais compreender que a sociedade brasileira se importa, a partir de agora, somente com aqueles que colocam a sua honra pessoal em jogo – e aí estão os exemplos de Sergio Moro ou Jair Bolsonaro, mesmo que sejam aparentemente díspares, para garantir essa afirmação.

Pois este é o truque para quem quer superar o ruído do tempo: não ter medo de dizer a verdade. Se o governo Temer fizer metade disso em relação ao governo Dilma, será excelente – e é muito provável que o presidente interino fosse um governante mais do que razoável, se estivesse em circunstâncias normais. Ocorre que elas já atravessaram o limite da normalidade e tornaram-se extraordinárias – e estamos impotentes diante delas porque somos incapazes de perceber a transformação que a era petista fez na nossa vida interior. Como o historiador Elton Flaubert corretamente diagnosticou, “mais do que corromper a República e assaltar o Estado, o pior do PT foi a deformação das almas. A figura da presidência da República condensou a deformidade moral e cultural do país, deseducando a população, levando o nacionalismo ressentido, o arrivismo e o carreirismo à sua expressão máxima”.

E, de certa maneira, o mesmo historiador não deixa de dar o seguinte aviso ao próprio Michel Temer – que deveria entender, mais do que qualquer político, que o recado das ruas também foi dirigido a ele: “Nesse sentido, Sérgio Moro e a rebelião nas ruas não significa só o desmonte de uma quadrilha que assaltou a República, mas um sentimento de transgressão contra o regime da alma degradada. Cansados de tanta iniquidade e desonra, a maioria dos brasileiros (daquele Brasil profundo que escapa de nossas elites) não suporta mais o despeito moral, a consagração do jeitinho, a violência diária, a desordem, a crise de autoridade, a droga na porta da escola dos seus filhos e netos. Não suporta mais a mentira e a covardia do governo e de quem lhe dá suporte. [...] O país que se reúne em torno de Moro, para celebrar suas ações, está dando um recado aos canalhas que nos governam: o país é nosso e não de vocês, não aguentamos mais tanta indignidade. Ainda é cedo para saber o que vai surgir, se algo pior ou melhor. Essa configuração de confronto está cada vez mais presente em todo o mundo com suas particularidades. No Brasil, adquiriu cores fortes. O resultado pode ser tanto nosso reconhecimento do passado, aproximação de nossas origens e conversão, quanto um breve respiro para ascensão de uma nova ordem ainda mais iníqua e cega à transcendência ou, ainda, o aprofundamento do autoritarismo petista”.

Infelizmente, Michel Temer também faz parte das ruínas deste governo – assim como todos nós. Por isso, no meio dessa demissão histórica do *establishment* brasileiro feita pela sociedade civil, ficaremos vigilantes para que a História deixe de nos reservar qualquer momento no futuro para dizermos enfim, aos nossos filhos e netos, que somos somente os sobreviventes deste trágico naufrágio.

**Martim Vasques da Cunha** é escritor, jornalista, doutor em Ética e Filosofia Política pela Universidade de São Paulo, autor de “Crise e Utopia: O Dilema de Thomas More” (Vide Editorial, 2012) e “A Poeira da Glória – Uma (inesperada) história da literatura brasileira” (Record, 2015).

<http://observador.pt/especiais/o-ruído-do-tempo-que-explica-a-situação-no-brasil/>

